

DENISE APARECIDA SOFIATI DE BARROS RIBEIRO

O Apagamento dos Ditongos Decrescentes
Orais no Sudoeste do Paraná

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Lingüística de Língua Portuguesa, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz da Veiga Mercer
CURITIBA
1990

Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis ... ora!

Não é motivo para não querê-las ...

Que tristes os caminhos, se não fora

A mágica presença das estrelas!

MARIO QUINTANA

DEDICATÓRIA

À Regilina,
Minha mãe, minha amiga, minha companheira.

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu marido, Tito, cúmplice incansável de todas as horas.

A meu pai, sempre junto mesmo quando não era possível.

Ao Tiago, meu menino maluquinho, e a seus pais, pela confiança que nunca deixaram de ter.

Ao professor Dr. José Luiz da Veiga Mercer, pelas horas dispendidas na minha orientação paciente e amiga.

Às pessoas amigas que estiveram ao meu lado nos momentos difíceis incentivando-me a continuar quando o desejo maior era deixar tudo de lado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

E, principalmente, a Deus ...

SUMÁRIO

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	ix
SÍMBOLOS	xi
RESUMO	xiii
ABSTRACT	xv
INTRODUÇÃO	1
1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DITONGOS ROMÂNICOS	21
3. A SITUAÇÃO DOS DITONGOS NO BRASIL: UMA BREVE NOTÍCIA	34
4. METODOLOGIA	38
5. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	42
6. OS RESULTADOS DA PESQUISA	54
CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
ANEXO I - MAPA DO PARANÁ: MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS	82
ANEXO II - INFORMANTES	85
ANEXO III - MAPA DE PORTUGAL - REDUÇÃO DE /ey/	89

ANEXO IV - OS ATLAS LINGÜÍSTICOS DO BRASIL	91
ANEXO V - FATORES ANALISADOS	105

LISTA DE TABELAS

LISTA DE TABELAS

1. Tipo de sílaba em que se encontra o ditongo	57
2. Tonicidade	58
3. Volume vocabular	59
4. Travação da sílaba	59
5. Classe do vocábulo	60
6. Contexto fonológico precedente	61
7. Contexto fonológico posterior	61
8. Fatores extralingüísticos: sexo e idade	62

SÍMBOLOS

SÍMBOLOS

> evolui para

< vem de

* (colocado antes da palavra) forma hipotética, não comprovada documentalmente

// fonema

{ } dos dois, toma-se um

[] caracteriza conjunto de traços

ℒ se menos, menos; se mais, mais

→ passa a

/ antecedido de

RESUMO

RESUMO

O presente trabalho procurará demonstrar, a partir da Teoria da Variação de Labov, que a heterogeneidade decorrente da variação existente na realização do ditongo decrescente oral na fala do Sudoeste do Paraná pode ser sistematizada.

Foi estabelecido como objetivo de trabalho a busca de evidências que comprovem o pressuposto de que a supressão da semivogal constitui um fenômeno sistemático que independe de fatores externos.

Na investigação dessa hipótese, trabalhou-se com um total de 6902 dados, sendo 3864 referentes a /y/ e 3038, a /w/. Desse total ocorreu a redução em 2338 dados, valor que se revelou bastante significativo.

O processo de apagamento da semivogal é abordado na diacronia da língua e em relação à sua variação geográfica com o intuito de atingir um melhor entendimento desse fenômeno.

ABSTRACT

ABSTRACT

The present work tries to demonstrate the possibility to systematize the heterogeneity proceeding from the variation that exists in the realization of the oral diphthong where the semivowel follows the vowel (e.g. /ow/ and /ey/). The research follows Labov's model for the study of linguistic variation. The analysis is based on the speech of people living in the Southwest of Paraná.

The objective of this work was to search for evidence which would prove the presupposition that the reduction of the semivowel constitutes a systematic phenomenon which is not dependent on external factors.

In the investigation of this hypothesis 6902 data were collected. From this total 3864 referred to /y/ and 3038 to /w/. The reduction occurred in 2338 samples and this number was considered significant.

The process of semivowel reduction was investigated in relation to the diachronic development of the language and the geographic variation in order to achieve a better understanding of this phenomenon.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A proposta chomskyana de que o trabalho lingüístico devesse emergir de julgamentos intuitivos de falantes nativos parece não adequar-se aos resultados obtidos com as pesquisas sociolingüísticas desenvolvidas desde Labov. A intuição do falante não chega a revelar de maneira clara os fatos reais da língua e a esperança de que os casos marginais fossem mínimos não se efetivou: existe mais variação na gramática das línguas do que se pudesse esperar. A cada situação de fala experimentada, percebe-se que a língua falada realiza-se de forma heterogênea e diversificada. Os trabalhos realizados com base na intuição do falante mostraram-se inexatos, tendo o desenvolvimento de técnicas mais precisas de trabalho e de instrumentos mais exatos de medição da fala evidenciado que, muitas vezes, a intuição do falante permitia conclusões que não eram confirmadas pelo real.

O presente trabalho procurará sistematizar a heterogeneidade lingüística decorrente da variação existente na realização do ditongo decrescente oral na fala do Sudoeste do Paraná.

JUSTIFICATIVA

O apagamento das semivogais nos ditongos decrescentes parece estabelecer-se como um fato muito produtivo na língua portuguesa. Fenômeno antigo no português, a supressão das semivogais existe na sincronia da língua e até mesmo, em determinados

contextos, pode-se afirmar que a monotongação constitui a norma.

Cintra (1970) registra o fato de a língua portuguesa já possuir formas monotongadas desde os séculos XII e XIII. Lemle (1978) afirma que a supressão das semivogais /y/ e /w/ avançou tanto que já deixou de ser sentida como marca da fala não-padrão. Veado (1983) constata que, mesmo em registros mais formais de fala, como noticiários e, inclusive, em leitura de textos, as semivogais apresentam índices muito elevados de supressão. Em estudo recente, Paiva (1986) comprova que esse processo de apagamento dá-se principalmente nos ditongos /ey/ e /ow/, como observa-se nas formas /ẽ.ʒe.ŋe.ɾo/ e /'otɾo/. Naro (1973) considera que o fenômeno de queda das semivogais seja consequência de duas regras mais antigas: a regra de degeminação vocálica e a regra de elisão das semivogais. Segundo Naro, a mudança de /ow/ para /o/ já está completa "em aproximadamente todos os dialetos, tanto europeus, como americanos", e de /ey/ para /e/ está "ocorrendo em muitos dialetos brasileiros" (cf. Naro, 1973, p.69).

O processo de monotongação adquiriu tamanha amplitude no português brasileiro que chega mesmo a constituir característica marcante em suas diversas variedades. Assim, é de todo interesse tanto para a sociolingüística quanto para a história da língua portuguesa que o fenômeno em pauta seja minuciosamente estudado, esclarecendo algumas condições de evolução das línguas em geral e do português do Brasil em particular.

OBJETIVOS E HIPÓTESES

A literatura sobre o assunto aponta para a idéia de que o processo alcançou notável grau de estabilidade. Seguindo Barros, Packer e Costa (1987), em seu estudo piloto da supressão do /y/ em ditongos decrescentes no dialeto curitibano, a monotongação está condicionada a um processo de assimilação ao contexto anterior, que é bloqueada por alguns contextos seguintes. Supomos, com isto, que a variação esteja condicionada a elementos da cadeia fônica. Paiva (1986) indicava que o processo de monotongação de /y/ e de /w/ estaria sujeito a diferentes condicionamentos estruturais, mas possuindo ambas características de variação estável na língua.

Assumimos, pois, a hipótese de que a supressão da semivogal em ditongos constitui um fenômeno sistemático que independe de sexo, escolaridade e idade, embora suscetível ao estilo. Com vistas a provar essa hipótese, esta pesquisa propõe-se a realizar um levantamento significativo de dados da língua falada, cuja análise perseguirá os seguintes objetivos:

- a. descrição detalhada das variáveis, acompanhadas de um perfil completo das variantes que as constituem;
- b. análise dos possíveis fatores lingüísticos condicionadores que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
- c. encaixamento lingüístico da variável;
- d. projeção histórica da variável na tentativa de situá-la dentro da evolução diacrônica das línguas românicas;
- e. comparação dos resultados da análise com vistas à projeção de possíveis rumos que as variantes (ou mes-

mo o sistema vocálico) tomarão.

Importa assinalar que a presente pesquisa não incorporará a variável estilo, que, muito embora já apontada como fator condicionante da monotongação por Barros, Packer e Costa (1986), não poderia ser controlada adequadamente no exame dos dados, como se esclarecerá na seção seguinte, relativa à metodologia. De outra parte, cabe justificar o interesse pelos fatores históricos referentes à monotongação, recordando que é princípio caro à lingüística histórica a convicção de que uma língua só será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A monotongação dos ditongos decrescentes, fato que pode ser observado tanto na sincronia como na diacronia da língua portuguesa, tem se tornado ponto de interesse de muitos estudos. Segue-se a resenha dos trabalhos considerados mais relevantes para a presente pesquisa.

Cintra (1958) pretende oferecer um esquema da multiplicidade, variedade e complexidade dos problemas que são levantados pelo estudo sincrônico e diacrônico das variantes que constituem os ditongos /ow/ e /ey/ nas línguas do extremo ocidente da Península Ibérica, as quais, segundo ele, de um ponto de vista românico geral, tendem a conservar esses ditongos decrescentes.

O autor parte de cuidadosa descrição da distribuição geográfica, social e até estilística da situação dos ditongos /ow/ e /ey/, que são provenientes quer dos ditongos latinos /aw/ e /ay/, quer do contato entre as vogais /a/ e /o/ de um lado, e /a/ e /e/ de outro, com as semivogais provenientes da vocalização de uma implosiva ou que foram atraídos da sílaba seguinte. Os ditongos /ow/ e /ey/, devido à grande proximidade articulatória entre seus elementos, estavam destinados a desaparecer, a redução do ditongo /ow/ já aparece documentada em textos dos séculos X e XI.

Cintra procura estabelecer o traçado das isófonas da monotongação dos ditongos.¹

Ele não se restringe ao estabelecimento da fronteira fonética entre a zona de monotongação e a zona de conservação dos ditongos. Importa para ele a determinação da área geográfica de expansão de algumas variantes dos ditongos ou do monotongo /o/, como /oy/. O ditongo /ow/ acaba possuindo variantes em maior número e natureza do que /ey/.

O foco ocidental de monotongação estava situado ao sul, em região de população moçárabe, que se caracteriza por ser conservadora do ditongo. No entanto, além dos moçárabes, essa foi uma região de colonização e repovoamento, fator que a tornaram propícia à aceitação e à propagação de inovações por ser feita com gente de várias origens.

Da região meridional, a monotongação expandiu-se para a região norte. No entanto, o avanço da redução do /ow/ foi mais rápido do que o da redução de /ey/, que até hoje não é aceito na linguagem comum. Algumas regiões tentaram salvaguardar os dois ditongos afastando-os foneticamente. Dentre essas formas, /oy/ é a mais curiosa por constituir o problema mais complexo na história dos ditongos. Muitas são as hipóteses para explicá-lo, mas a tentativa de deter a monotongação acaba destacando-se entre as demais, pois ela compara-se aos diversos casos de retenção do ditongo e, portanto, não se justifica uma solução individual para o problema.

Naro (1973) considera a possibilidade de que o fenômeno de queda das semivogais seja consequência de duas regras mais antigas — a regra de degeminação vocálica e a regra de elisão das semivogais.

Lemle (1978) argumenta que o fenômeno de redução pode ser caracterizado como uma crase pelo fato de os elementos fo-

néticos envolvidos no processo compartilhar os mesmos traços fonéticos (/z/, /s/ e /y/ → [+ alto]). A autora ainda afirma que, se for constatado um relativo índice de redução diante do /r/ ([- alto]), essa ocorrência poderia ser explicada como um processo de espraçamento de supressão para contextos consonantais que não contêm o traço [+ alto].

Segundo Lemle, a redução de ditongos aparece como uma forte tendência na fala popular do Rio de Janeiro. A autora menciona tanto o caso do apagamento dos ditongos crescentes, condicionado pelo traço [+ coronal] da consoante que o precede e pelo papel do acento, quanto dos ditongos decrescentes.

Veado (1983) trata das alternâncias ou *eeie* na fala formal e informal da região metropolitana de Belo Horizonte. A autora procura mostrar que tais alternâncias têm a posição de variáveis lingüísticas, o que impede que sejam explicitadas por regras estruturais categoriais. A redução destes ditongos seria determinada por fatores internos e externos à língua.

Segundo a autora, a redução de /ey/ a /e/ deve ser tratada separadamente da de /ow/ a /o/ por apresentarem, na maioria dos casos, condicionamentos estruturais diversos. Veado afirma que a redução destes ditongos não funciona como marcador de classe social, de idade ou de sexo, mas, sim, como índice de maior interação social na comunidade uma vez que a redução só é bloqueada por um registro formal de fala, embora não ocorra categoricamente.

Ao analisar o contexto fonético da realização dos ditongos, a autora percebeu que a redução de /ey/ a /e/ é bem menos geral que a de /ow/ a /o/, que não possui elementos bloqueadores. A posição do segmento na palavra aparece como um fa-

tor condicionante da redução, que vai comportar-se de maneira diversa, inibindo, em posição final, totalmente a redução de /ey/, mas favorecendo a redução de /ow/. O ambiente [+ acento] chega a atuar como favorecedor da redução dos ditongos em exame, o que já não ocorre com [- acento], onde existe uma sensível queda no processo de redução.

Os traços morfológicos não apresentaram nenhuma influência sobre o processo de monotongação.

Segundo a amostra do trabalho de Veado, o maior percentual de redução ocorre com um segmento consonantal [- alto], que é o /r/. A literatura especializada e os compêndios mais antigos servem de subsídio a seu trabalho, pois apresentam o /r/ como um dos segmentos que mais favorecem a simplificação do /ey/.

Os fatores estruturais internos não exercem grande pressão sobre o processo de redução uma vez que os dados da amostra apresentam a probabilidade de redução de 99% na fala informal independentemente destes fatores.

Os noticiários de rádio e televisão, como exemplo de fala cuidada, apresentam maior ocorrência de redução de /ow/ do que de /ey/. A leitura de sentenças comporta-se da mesma maneira que os noticiários em relação à monotongação. Mas na leitura de palavras soltas o percentual de redução baixa significativamente, porém a variante /o/ sempre aparece em maior número.

Pode-se dizer que o fenômeno de redução é muito antigo na língua portuguesa (tanto no Brasil, quanto em Portugal), o que é confirmado pela sua presença em textos de gramáticas mais antigas, evidenciando a atual estabilidade do fenômeno estudado, que já se estende, embora tenuemente, para a fala cuidada,

convivendo pacificamente com as formas ditongadas.

Paiva (1986), em trabalho realizado com dados da fala carioca, considera que o processo de monotongação adquiriu tamanha amplitude que chega mesmo a constituir uma característica marcante na língua portuguesa. Da mesma forma que Veado, acredita que a supressão das semivogais nos ditongos /ey/ e /ow/ constitui "um fenômeno sistêmico, não marcado socialmente" e que o processo em um e outro ditongo dá-se de forma diferenciada, embora ambos estejam variando estavelmente na língua. Segundo Paiva, "a supressão é condicionada por fatores estruturais e possui características de fenômeno pandialetal".²

Alguns fatores trabalhados mostraram-se, praticamente, inoperantes e, às vezes, superposicionavam-se, o que fez com que pouco acrescentassem ao entendimento do processo: tonicidade, radical/sufixo e extensão da palavra.

Os fatores ligados à composição da cadeia fonética, ponto e modo de articulação do segmento seguinte, são os que têm maior relevância na explicação do fenômeno, embora pudessem ter sido agrupados por tratarem-se, basicamente, de um contexto: condicionamento fonético seguinte.

O flape destaca-se como maior favorecedor da supressão do /y/ e aqui Paiva afirma que a propriedade [+ contínuo], traço intrinsecamente vocálico, é responsável pelo efeito condicionador da supressão. O traço [- alto] do flape também é mencionado, porém o traço [+ contínuo] assume posição evidente por explicar casos de bloqueio da redução, como acontece com as africadas [+ alto], nasais e laterais [- contínuo]. Segundo Paiva, a análise do fenômeno de apagamento evidencia a necessidade de se considerar a existência de duas regras separa-

das para dar conta do apagamento de /y/. São regras de motivação independente, mas com resultados superficiais idênticos. Pode-se dizer ainda que, sob determinadas condições fonéticas, a redução de /y/ pode ser vista como um processo praticamente categórico, com um limite mínimo de variação.

A monotongação de /ow/ tem caráter de mudança praticamente concluída, quase não existindo condicionamentos que inibam a redução deste ditongo, que se dissipou por todas as formas da língua e chega mesmo, em determinados contextos, a ser sentida como a norma.

Ao tratar o caso da monotongação dos ditongos decrescentes, Barros, Packer e Costa (1987) afirmam que a maior diferença na taxa de apagamento acontece entre informantes do 1º e 2º graus e os de classe média e baixa. Nestes casos, parece ser a pressão exercida pela norma escolar o fator preponderante a condicionar a retenção do ditongo: quanto maior a proximidade com o código escrito, maior a retenção do ditongo.

A amostra do trabalho acaba por confirmar a hipótese de que é o estilo o fator condicionante deste processo de apagamento no dialeto curitibano.

Os fatores trabalhados foram a posição do ditongo na palavra, o ponto de articulação da consoante seguinte ao ditongo, contexto fonológico precedente à semivogal, além do condicionamento social. A palavra *manteiga*, item já mencionado por Veado e Paiva, volta a aparecer na forma reduzida o que contradiz as expectativas, uma vez que o ditongo /ey/ é seguido de uma *ve*lar, um dos contextos mais inibidores do apagamento. Todas as vezes que ocorre esta palavra, ela apresenta-se com o ditongo reduzido, o que não acontece em outros vocábulos em que o mesmo ditongo é seguido de *velares*. Enquanto para Paiva (1986) a su-

pressão do /y/ na palavra **manteiga** não é um fato fonético que se assemelhe aos demais, mas, sim, uma idiossincrasia histórica, Barros, Packer e Costa explicam que o vocábulo **mantica** por sonorização teria originado **mantega**, mas a forma **manteiga** deve ter surgido, provavelmente, por analogia com palavras como **Vei-ga, meiga, leiga**.

Barros, Packer e Costa supõem que a semivogal tende a ser cancelada, preferencialmente, em contextos em que o /y/ é precedido de vogal /e/. A variação da supressão do /y/ é decorrente de duas motivações antagônicas:

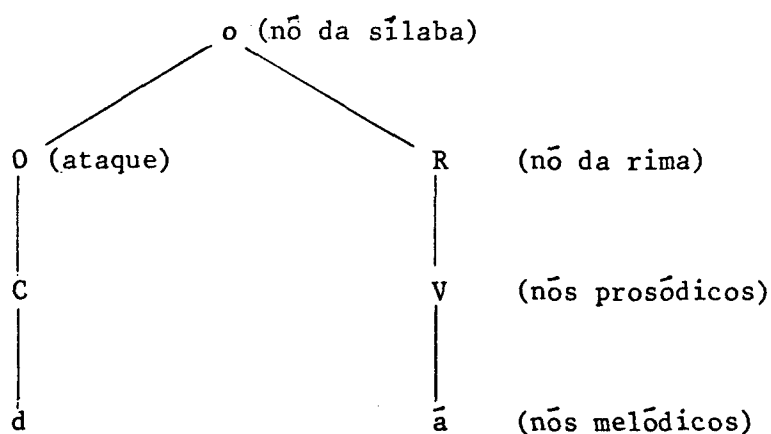
1. assimilação ao contexto antecedente /e/; e
2. bloqueio desta assimilação motivado por alguns tipos de contextos seguintes ao ditongo (/t/, /d/, /v/).

O trabalho de Bisol (1989) focaliza o ditongo na fonologia atual. A partir da fonologia não-linear, ela considerará os ditongos baseada em desenvolvimentos recentes da teoria fonológica, os quais oferecem novos recursos para a análise da estrutura interna da sílaba, que vem mostrando ser bastante importante na representação de diferentes processos da língua.

A abordagem feita aqui estará centrada na situação dos ditongos decrescentes orais, objeto da presente dissertação. De passagem serão apresentadas breves considerações sobre os ditongos crescentes e tritongos.

A análise de Bisol se conduz nos moldes da teoria da sílaba, que se apresenta como uma das linhas da fonologia autosegmental, a qual, juntamente com a fonologia métrica e a geometria de traços, constitui o modelo gerativo da fase atual (v. trabalhos de Selkirk (1982), Clements e Keyser (1983), Hulst (1984) et al.).

A sílaba é um objeto multi-dimensional de seqüência de segmentos, cujos constituintes são organizados hierarquicamente. Cada seqüência superordenada é dominada por um nó ("tier"). Representaremos o espaço temporal correspondente aos elementos da sílaba por C e V, pontos da linha prosódica ligados aos constituintes imediatos da sílaba que seriam o "onset", ataque, e a rima, logo a sílaba é dividida em ataque e rima. Nó é o nome dado às seqüências superordenadas de uma estrutura hierárquica:

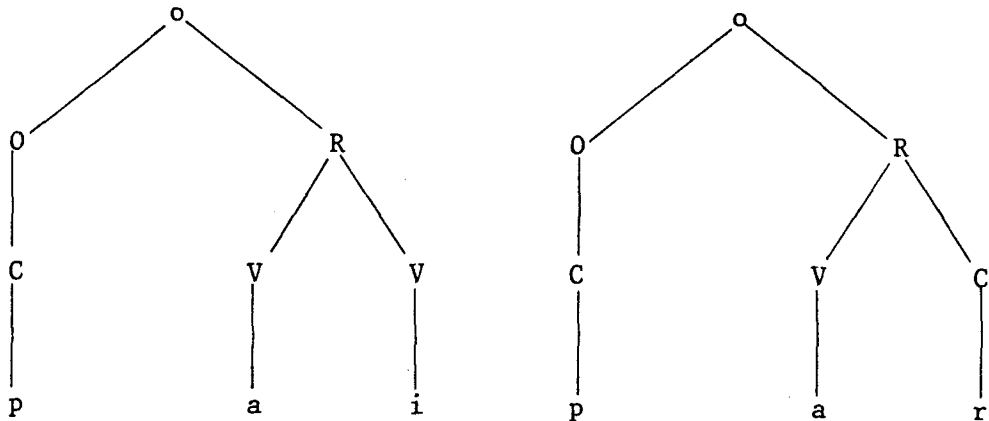


Para a autora interessou somente a representação dos ditongos no português do Brasil. Estes ditongos foram analisados como a combinação de duas vogais subjacentes, uma das quais torna-se uma semivogal por silabificação. É a partir de uma visão enriquecida da sílaba que se distinguirá a existência de dois tipos de ditongo com diferentes propriedades. Em um deles, ambas as vogais são apresentadas no nó da rima tendendo a ser preservada a semivogal; em outro tipo, a semivogal não é apresentada no nó da rima e a semivogal tende a ser apagada. Este último tipo de semivogal está em posição intercambiável com a vogal simples.

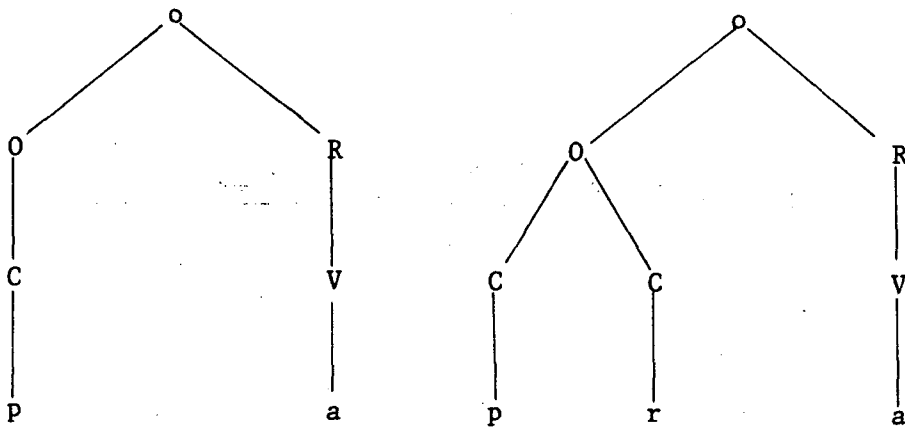
De início, é importante fazer a distinção entre sílabas leves e sílabas pesadas, uma vez que o acento de português é

sensível à estrutura da sílaba. Por sílaba pesada entende-se a que apresenta rima ramificada e sílaba leve, rima simples:

1. Sílabas pesadas



2. Sílabas leves



Bisol apresenta a hipótese de no português existirem duas classes de ditongos: o ditongo pesado, que é o fonológico e está associado a duas posições no nã da rima, e o ditongo leve, que está associado a uma só posição. O primeiro tende a ser conservado e o segundo, perdido.

Os ditongos leves são criados no nã melódico por processos assimilatórios. De um modo geral, estes ditongos ocupam apenas uma posição na linha de rima. Os ditongos pesados possuem duas posições, eles formam pares mínimos com a vogal simples,

são fonológicos. O ditongo leve, na maioria das vezes, é um ditongo fonético; alterna com a vogal simples, sem que, no entanto, esta alternância cause diferença de sentido.

1. Pesado:

lei /'ley/ lê /'le/
 laudo /'lawdo/ lado /'la.do/

2. Leve:

beira /'bey.ra ~ 'be.ra/
 eixo /'ey.ʃo ~ 'e.ʃo/

A semivogal antes da palatal pode ser apagada (peixe ['pey.ʃe ~ 'pe.ʃe]) ou acrescida (vexame ['ve.ʃame ~ 'vey.ʃame]) sem que ocorra modificação no sentido da palavra. Não existem exemplos de pares mínimos nestes contextos, sendo a semivogal consequência da palatal. Percebe-se que esta vogal é formada no nã melódico, com traços ligados a um centro comum, o nã da raiz, segundo a proposta de Clements. Este fato evidencia-se da forte relação existente entre a semivogal e a consoante palatal.

O processo assimilatório em caso acontece no nã melódico, no qual o traço alto da consoante palatal é compartilhado por dois segmentos vizinhos, ou seja, todo ditongo seguido de palatal possui uma só vogal na estrutura subjacente, mas, pelo espriamento do traço alto da palatal, cria-se a semivogal, num processo assimilatório. Os vocábulos ['pey.ʃe] e ['fa.ʃina] possuem rimas idênticas, pois as semivogais não se encontram na estrutura profunda destes itens lexicais. Este processo assimilatório que ocorre diante das palatais pode ser uma justificativa que explica o comportamento do ditongo na fonte lati-

na. Antes de palatal não existia semivogal, esta aparece por substituição ou apagamento de uma consoante. Ao tomar o lugar desta consoante, a semivogal tende a ser preservada (reitor > rector).

O ditongo formado por espraiamento ou duração compensatória, diante de palatal, não tem função fonológica, ou seja, não distingue um vocábulo do outro.

O /ey/ diante de flape é um ditongo leve; portanto, está em livre variação com a vogal simples sem provocar mudança de sentido. Bisol distribui os exemplos com /ey/ em quatro classes:

1. palavras em correspondência pela relação - 'ario e - 'eiro (primário/primeiro, usuário/usueiro); 2. palavras em correspondência pela relação - a'ria, - 'eiro (padaria/padeiro, livraria/livreiro); 3. sufixos formadores de nome, como nos exemplos acima, mas sem as relações mencionadas (formiga/formigueiro, carta/carteiro); 4. em qualquer ambiente, incluindo raiz ou radical (feira).

Duas linhas argumentativas procuram esclarecer a distribuição desses exemplos; todavia, nenhuma chega a resolver a questão. Ambas as linhas, contudo, postulam a não-existência do ditongo /ey/ na estrutura profunda desses itens lexicais.

A metátese, uma das hipóteses consideradas, supõe a existência de uma alternância entre a vogal /a/ e /ey/ na derivação, justificada pela existência dos pares /a, ey/, expondo uma possível relação de metátese. As palavras não derivadas na análise por metátese podem ser decorrentes de processos analógicos, uma vez que -eiro se apresenta como um sufixo bastante produtivo.

O fato dos dois morfemas -ario e -eiro apresentarem car-

ga significativa leva a questionar a constituição de entradas lexicais separadas para os dois ou a existência de um relacionamento sincrônico derivacional. Com isto, percebe-se a não-existência de solução para este problema de teoria morfológica a partir da hipótese da metátese.

Uma outra alternativa usada seria o princípio de sonoridade hierárquica ou escala da sonoridade proposta por vários autores. O flape é a categoria mais próxima do fim da escala de sonoridade e parece possuir características vocálicas. Ao considerarmos a organização hierárquica dos segmentos apresentada em termos de traços binários, percebemos a existência de um vazio entre a vogal e o flape que pode ser preenchido por uma semivogal, como se observa:

e	(y)	r	0	
+	-	-	-	silábico
+	+	-	+	vocóide
+	+	+	+	aproximante
+	+	+	+	sonorante

Uma semivogal pode preencher o vazio estabelecido em uma escala de sonoridade ao ligar duas sílabas vizinhas que estejam separadas por um único valor nesta escala. Neste caso, como no da palatal, na estrutura subjacente será encontrada apenas uma vogal. A semivogal aparece no nó melódico quando os traços do segmento forem incorporados ao item lexical. Não há evidências necessárias que dêem credibilidade a esta proposta, o que torna questionável a abordagem. Contudo, não se apresentou uma análise adequada que dê conta da alternância eiro ~ lero e nada contradiz o fato de essa seqüência ser um ditongo leve que existe apenas no nó da rima. O que permanece inexplicado é a questão

da semivogal ser resultado de espraçamento ou inserção.

Os dados indicam que as palavras que contêm o ditongo /ey/ em posição final (diante de fronteira) acabam por ajustar-se ao padrão de acento da língua, como se a última vogal fosse invisível à regra de acento primário.

Ao analisar o ditongo nasal, a autora sugere que o verdadeiro ditongo nasal ocorre em palavras com marcador de classe (irmão, nação, órgão), em que os ditongos estejam representados por duas posições no esqueleto prosódico e que a variante de uma só vogal é permitida sem restrições, em itens lexicais sem marcador de classe, porque o ditongo destas formas possui rima de uma vogal só.

Até o momento podemos concluir que o sistema vocálico do português apresenta ditongos associados a uma só posição no nó da rima e estes podem alternar com a vogal sem causar mudança de significado. Esta alternância ocorre livremente em nomes sem marcador de classe e sofre algumas restrições sociais em nomes com marcador de classe.

Nunes (1951) e Naro (1973) apontam para a substituição do ditongo /ow/ por uma vogal simples, fenômeno, este, bastante antigo no português em geral. Os falantes de português, pelo menos os brasileiros, estão usando /ow/ como rima de um só elemento vocálico (em palavras derivadas [ow.'rives > o.'rives], não-derivadas ['owro > 'oru] e quando as duas vogais são morfemas diferentes [e!gow ~ e!go]). O ditongo /ow/ é fonológico e está perdendo a propriedade de distinguir palavras, pois pode ser substituído pela vogal o em qualquer contexto. É uma mudança em progresso que se encontra em avançado estágio. Neste processo, são esperadas as duas formas, embora a vogal

simples o seja a forma mais freqüente.

Ao fazer uma análise que empregasse constituintes hierárquicos da sílaba, Bisol pôde dar conta não apenas das combinações que atendem ao padrão silábico da língua como permitiu a distinção de dois tipos de ditongos decrescentes — o que sempre mantém a semivogal e o que pode perdê-la. O ditongo leve alterna com a vogal simples e é constituído no nō melódico. O ditongo pesado é formado no nō da rima, resultando de uma primeira silabificação, ele é invariável. Concluimos, com isso, que os ditongos formados no nível mais abstrato, nō da rima, seriam estáveis, tendendo a ser preservados em oposição aos ditongos formados no nō melódico, mais próximos a superfície, que poderiam ser perdidos.

Os ditongos crescentes, cuja a consoante velar e a semivogal posterior formam uma sō unidade fonológica, apresentam a semivogal em um dos constituintes imediatos da sílaba. Todos os demais são vogais subjacentes de sílabas diferentes, derivadas por ressilabificação, o que leva à conclusão de que o português não tem ditongos crescentes. Por outro lado, os tritongos seriam estruturas derivadas que se conformam com o padrão silábico.

NOTAS

¹Cintra baseia-se em trabalhos anteriores ao seu para o traçado das isófonas. São trabalhos de Paiva Boléo, T. Navarro Tomás, Lüdtke, Leite de Vasconcelos e Menéndez Pidal.

²PAIVA, M.C.A. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: PROJETO SUBSÍDIOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DO PROJETO CENSO À EDUCAÇÃO. Volume III. Rio de Janeiro, 1986. p. 335.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DITONGOS ROMÂNICOS

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DITONGOS ROMÂNICOS

No delineamento do indo-europeu, postula-se a existência de seis ditongos breves (/ay, ey, oy, aw, ew, ow/), que no latim teriam passado por profundas transformações. O ditongo /ew/ deixa apenas alguns rastros já no período arcaico, permanecendo em uso, no entanto, os demais ditongos. Neste período há uma grande tendência a monotongação e ao período clássico passam apenas os ditongos grafados *ae*, *oe*, *au*. Nesta época, a fala popular persiste na redução dos ditongos sobrevivendo somente *au*, *ae* passa a /*ɛ*/ no século I a.C. e *oe* passa a /*e*/.

No século III a.C. algumas inscrições confirmam a pronúncia e a escrita *ai* /ay/: *Gnaiuod*, CIL I 7.*

Na capital, nos princípios do século II a.C. a camada culta da população pronunciava /ay/, o que se confirma pelo testemunho dos gramáticos e pelos empréstimos a outras línguas (*Caesar* passa aos germanos na forma de *Keisur*, o que pressupõe uma pronúncia ditongada). Na zona rural, o ditongo monotongou-se em /*ɛ*/ no início do século II a.C.. Esta troca é consequência da assimilação do primeiro elemento do ditongo ao segundo. As inscrições das regiões rurais demonstram esse processo de monotongação (*Cesula* = *Caesula* CIL I 376, *cedito* = *caedito* I 366). Na capital, a população culta continuava defendendo a pronúncia /ay/, mas a pronúncia monotongada foi ganhando terreno e acabou por espalhar-se, conquistando a preferência do po-

* CIL = Corpus Inscriptionum Latinorum.

vo. Esta dupla pronúncia era a responsável por muitas confusões e erros. Nas inscrições aparece frequentemente escrito e no lugar de ae: **Emilio** em vez de **Aemilio**, e ae onde seria e: **aeques** em vez de **eques**.

Apenas próximo ao século IV, depois de um grande período de alternância, é que a forma monotongada impõe-se na forma de /ɛ/. O timbre aberto deste som aparece plenamente confirmado pela evolução que apresenta nas línguas românicas: **caecu** > **cego**, **taediu** > **tédio**.

O ditongo /oy/ ainda é pronunciado no século III (**oino**, **plorume**, CIL I 8,9). A grafia **oe** aparece em fins do século III e princípios do século II.

Na fala popular, as formas em **oe** monotongaram-se, passando a /e/. A palavra **Phebus**, ao invés de **Phoebus**, aparece em inscrições da época imperial.

O ditongo **eu** persiste em inscrições arcaicas de 300, **neuem** (=nouem), **neuna** (= nonae). Este ditongo logo se modificou: o segundo elemento atraiu o primeiro para o seu ponto de articulação, chegando a **ou** e, a partir daí, sofreu a mesma evolução dos primeiros ditongos em **ou**. O ditongo **eu** só pode ter sua existência confirmada pela comparação com outros ditongos ou vogais de outras línguas que tenham vindo do indo-europeu e que camuflam o **eu** sob as formas **ou** e **u**. Em algumas palavras do latim clássico aparece o ditongo **eu**, mas estes ditongos surgiram mais tarde com a queda da vogal final, como em **neu** < **nēu(e)**, **ceu** < **cēue**, **seu** < **sēue** < **seiue**. As exclamações não acompanham as mesmas evoluções fonéticas de outras palavras, o que justifica o ditongo na interjeição **heu(s)**.

O ditongo **ou** ainda é usado até meados do século III a.C. (**iouxmenta** = **iumenta**, **noutrix**, **loucarid**, **loucom**). Este ditongo

possuía seus elementos vocálicos muito próximos, o que permitiu que eles passassem a /o/ e depois a /u/. Esta etapa já aparece alcançada na metade do século III (na *Elogia Scipionum* coexistem as formas *ou* e *u*, *Loucaram* e *Luciom*). Na terminologia técnica, a grafia é usada até o começo da época imperial somente com valor histórico sem nenhum valor fonético (*ious* = *ius*, *iou-rare* = *iurare*).

A área rural manteve a etapa intermediária /o/: *losna* < **lousna*, ao passo que a forma urbana é *luna*; *notrix* em vez de *nutrix*. Alguns destes ruralismos passaram para a linguagem literária, como *robus* e *robigo* em oposição a *rufus*.

O ditongo *au* quase não recebe alteração durante os distintos períodos da língua latina, apenas alguns dialetos latinos monotongaram-no em /o/. Esta pronúncia rural conseguiu atingir Roma nos séculos II e I a.C., difundindo-se entre as classes mais baixas (*Olus* < *Aulus*, *plostrum* < *plaustrum*, *copo* < *caupo*). Somente poucas palavras monotongadas passaram para a linguagem literária (*Clodius* ao invés de *Claudius*, *lotus* no lugar de *lautus*). É sabido que Cícero em suas cartas familiares usava algumas palavras monotongadas, como *oricula* onde seria *auricula*, *pollulum* em vez de *paullulum*, *olla* onde deveria ser *aulla*.

Em alguns casos, o ditongo *au* toma o lugar de *o*, num processo de ultracorreção. (*Flaurus* onde seria *Florus*). Porém, estes casos isolados não se confirmaram e a forma ditongada prevaleceu.

Os ditongos românicos, formados dentro do romance, reduziram-se em épocas diferentes. O ditongo *au* tendia, desde o latim vulgar, a confundir-se com *o*: *cauda* e *coda*. A passagem de *au* a *o* não foi geral no latim vulgar: o ditongo conservou-se no sul da Itália, no reto-romano, no romeno, no provençal moderno

(exceto no gascão). No engadino (reto-romano), o ditongo **au** é monotongado para **o**.

Em certos casos o processo de monotongação foi condicionado pela tonicidade. O **ei** perdeu o primeiro elemento quando átono e fazendo parte de sílaba inicial: **eigreija** > **igreja**, **ei-migo** > **imigo**. Se tônico e seguido de consoante, perderia o segundo elemento: **cereija** > **cereja**, **Tareija** > **Tareja**. Os ditongos do romance lusitânico **ai**, **oi** e **ui** perderam o segundo elemento quando eram seguidos de consoante: **coixo** > **coxo**, **chuiva** > **chuva**, e o primeiro, quando átonos e seguidos de vogal: **adaião** > **dião**, **baioneta** > **bioneta**.

O processo de ditongação românica tem como ponto de partida um alongamento da vogal tônica. Essas evoluções ocorrem independentemente do condicionamento dos fonemas vizinhos.

O italiano ditongou as vogais /e/ e /o/ em sílaba aberta: **petra** > **pietra**, **focu** > **fuoco**. O espanhol ditongou /e/ e /o/ tanto em sílaba aberta como fechada: **petra** > **pietra**, **focu** > **fuego**, **porta** > **puerta**. No francês, o /e/ e o /o/, tanto breves como longos, ditongaram, mas somente em sílaba aberta: **tēla** > **toile**, **focu** > **feu**.

A ditongação das vogais /e/ e /o/ longas é evolução específica do francês. A vogal /e/ passa a /ey/ e depois a / \mathcal{E} y/ por volta do século VI. Em meados do século XII, / \mathcal{E} y/ passa a / \mathcal{O} y/. No francês moderno esse ditongo passou para /wa/; no entanto, em fins do século XIII, um grau intermediário passa a ser usado: /w \mathcal{E} /. A partir do século XIII, existe na França uma tendência regressiva de monotongação e é nesse período que o ditongo /w \mathcal{E} / passa, em alguns casos, a / \mathcal{E} /, monotongando-se. Essa pronúncia foi considerada vulgar e combatida pelos gramáticos dos séculos XVI e XVII. No século XV a pronúncia / \mathcal{E} / tem

uma concorrente na /wa/ do povo dos arredores de Paris (usada pelas classes menos cultas e pela própria burguesia). Com a queda da monarquia no século XVIII, a pronúncia /wa/ derruba /wɛ/, que desaparece deixando dois herdeiros: /wa/, com volume fônico, maior, e /ɛ/, em alguns casos. A grafia *ai* foi proposta em 1675 (Nicolas Berain), mas só tornou-se oficial por decisão da Academia Francesa em 1835, mas *oi* permanece em alguns casos.

A vogal tônica /o/ sofreu um processo de ditongação em fins do século VIII passando a /ow/. Em manuscritos do século XI e XII, esse ditongo era grafado *o* e na Normandia *u*.

Os ditongos do latim já haviam sido reduzidos no latim vulgar balcânico, como o foram na România em geral; no entanto, o romeno conservou o ditongo latino /aw/: *aurum* > *aur*, *taurum* > *taur*, *audire* > *auzi*. Em alguns casos, o acento desloca-se para a semivogal, produzindo um hiato como em *aúd* "eu ouço" e *aúz* "o ouvido".

O /ɛ/ romeno proveniente do /e/ latino ditongou-se em /yɛ/ tanto em sílaba aberta como fechada, através da fase bivergente /eɛ/: *heri* > *ieri*, *ferrum* > *fier*, *perdit* > *pierde*. Esse ditongo espontâneo é encontrado em documentos do século V. Além do romeno, o espanhol também apresenta ditongação tanto em sílaba aberta como em fechada.

A ditongação no romeno é bloqueada em contextos em que um fonema nasal vizinho, anterior ou posterior, acarreta o fechamento da vogal: *anellum* > *inel*, *bene* > *bine*, *dentem* > *dinte*. Este fechamento da vogal também ocorre com o fonema /o/: *frondiam* > *frunzã*^v, *frontem* > *frunte*. Restritamente, esse bloqueamento da ditongação também ocorre em zonas provençais, espanholas e sardas (logudorês).

O ditongo /yɛ/ sofreu uma evolução característica quando precedido da sibilante /s/: o resultado final é /a/ e a sibilante torna-se africada, /ts/: **sedet** > **siede** > **șeade** > **șaade** > **șade**, **septem** > **siept** > **șeapte** > **șaapte** > **șapte**.

O ditongo /yɛ/, porém, recebe um tratamento diferenciado nos diversos dialetos romenos, conservando-se em algumas regiões, e, às vezes, reduzindo-se nestas próprias regiões ou em outras. Na Oltênia, **fier** "ferrum" e **pier** "perdo" não se monotongaram, ao passo que **pept** "pectum" e **pele** "pelem" reduziram-se.

O ditongo mais característico do romeno deve-se à metafonía, como a mudança de timbre ou a ditongação de uma vogal por influência de uma vogal vizinha. A ditongação metafônica está documentada desde o século XIII, e, independentemente de a vogal tônica estar em sílaba aberta ou fechada, ela só ocorre com palavras latinas e eslavas mais antigas. Ela não ocorre nos empréstimos de outras origens, como húngaros, búlgaros, sérvios, neogregos, nem com os neologismos em geral (**flotǎ**, **tonǎ**, etc.).

A presença de um /e/ ou um /o/ átonos bloqueia a ditongação. Torna-se indispensável a presença do /e/ e do /o/ tônicos na cadeia frasal para que ocorra a ditongação; este fato explica a ausência do ditongo em vocábulos como **peste**, que vem do latim **per + extra**, e **nece**, do latim **neque**.

Os ditongos romenos têm a sua origem de forma regular e sistemática. A metafonía é uma característica importante do romeno, ela é sensível às influências dos fonemas vocálicos. Todos os casos de metafonía no romeno são regressivos e o romeno é a única língua que apresenta ditongos por metafonía.

O ditongo /aw/, originado de um processo de acomodação fonética em casos sistemáticos de empréstimos, em algumas situações tem conotação pejorativa, como acontece com certas pala-

vras de origem latina: **mīnca** (< **manducare**) > **mīncău** "comilão", **linge** (< **lingere**) > **lingău** "bajulador". O caráter depreciativo do termo é acentuado com a epêntese do /l/: **tont** > **tontalau** "idiota", **prost** > **prostălău** "bobalhão", **baba** > **babălău** "semelhante a uma velha". O romeno tem a tendência de evitar os vocábulos oxítonos terminados em vogal simples, o que explica os fatos mencionados acima. Esta tendência também explica o ditongo formado a partir do acréscimo do /w/ aos empréstimos franceses terminados em /o/: fr. **cadeau** > rom. **cadou**, **tableau** > **tablou**.

O romeno também apresenta ditongos de características pan-românicas, além dos específicos da formação da língua, entre eles o proveniente da palatalização do /l/. O /l/ seguido de /e/ ou de /i/, silábicos ou não, palatalizou-se e depois iotizou-se: **familiam** > **femeie**, **foliam** > **foaie**, **mulierem** > **muiere**, **leporem** > **iepore** (a palatalização do /l/ inicial também aconteceu no catalão). A redução da palatal a iode ocorre por volta do século X.

5.1. - OS DITONGOS /ow/ e /ey/ EM PORTUGAL.

ALGUNS ASPECTOS SOBRE SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA.

Na modalidade europeia da língua portuguesa, a tendência geral é a de conservação dos ditongos /ow/ e /ey/. A sua monotongação atinge apenas uma região restrita de Portugal. O /ey/ é reduzido em todo o Algarve, Alentejo, no sul e em uma faixa ocidental da Estremadura. Lisboa conserva este ditongo. O inquérito lingüístico de M. Paiva Boléo, realizado em 1942, apresenta em uma de suas cartas o processo de redução do ditongo /ey/ a /e/.*

*No Anexo III, encontra-se o mapa lingüístico que apresenta o processo de redução do ditongo /ey/ a /e/.

Soares Barbosa não apresenta o ditongo /ow/ em sua "taboa dos diphtongos oraes" por tratar-se de um som que nenhuma diferença apresenta do "ô grande fechado, como se pode ver executando sem prevenção as primeiras syllabas do nome ôsso e do verbo ouço". Segundo ele, "o ô grande fechado tem duas escripturas, uma com o sinal circunflexo ou v âs avessas por cima, e outra com o mesmo v âs direitas adiante (...) ter o mesmo sinal por cima ou adiante é coisa indiferente; o som é o mesmo".¹

Ao examinarmos o processo de redução deste ditongo /ow/ em Portugal, percebemos que ele se estende para além da zona indicada por Maria Clementina Duarte para a redução de /ey/ a /e/, avançando pelo resto da Beira Baixa e do Ribatejo, por grande parte da Beira Alta, onde, no entanto, mantêm-se zonas importantes de conservação intensa do ditongo a oeste, próximo da Beira e do Douro Litoral, e pela Beira Litoral (com exclusão de Lisboa e do extremo norte da segunda destas províncias — o norte do distrito de Aveiro — zona de conservação).

Em Patais (Vieira de Leiria), existe uma nítida conservação dos ditongos /ey/ e /ow/, porém, em algumas partes desta região, a coexistência das duas formas — monotongo e ditongo — intriga os pesquisadores. A monotongação penetrou na aldeia através da população pesqueira da praia de Vieira, situada a uns quilômetros, onde ela é, aparentemente, geral. O monotongo desaparece totalmente e o /ey/ reaparece ao encaminhar-se para o interior em direção à povoação de Monte Real. Ao sul, na vila da Marinha Grande e em São Pedro de Muel, o /ey/ também existe, porém, entre os pescadores de Nazaré (mais ao sul), ele é reduzido. A praia de Vieira, com parte de sua população que reduz /ey/ a /e/, aparece como uma ilha de monotongação em ter-

ritório de conservação do ditongo, não como o extremo da zona de monotongação como aparece no mapa de Maria Clementina Duarte.

Infelizmente, não dispomos de um mapa da distribuição de /o/ e /oy/ ou /ow/ em Portugal, o que possibilitaria um entendimento mais abrangente da monotongação nesse país.

Os ditongos /ey/ e /ow/ aparecem documentados a partir do século X (ei) e do século XI (ou). Do ponto de vista puramente fisiológico, estes ditongos pareciam destinados a desaparecer como aconteceu em quase toda a România, resultado da grande proximidade articulatória entre os seus elementos vocálicos.

Apesar do grande conservantismo da zona periférica constituída pelo extremo ocidente da Hispânia, manifestado em todos os aspectos, surgiu nela um foco de monotongação de ação paralela à dos que se encontravam, provavelmente desde épocas mais antigas, ao centro e a leste da Península. O foco ocidental da monotongação estava situado no sul do que, a partir dos séculos XII-XIII, veio a ser o território português.

Paiva Boléo estranha o fato de a monotongação surgir onde se presumeter existido uma camada de moçárabe cujo romance tinha como um dos traços característicos a manutenção dos ditongos /ay/, /ey/, /aw/ e /ow/, conforme atesta Menéndez Pidal. A monotongação nesta região é explicada pela forte influência da colonização que aconteceu depois da Reconquista, por ser uma área de repovoamento, feita com gente de todas as origens, ela estava propícia, como todas as zonas de características semelhantes, à aceitação e à propagação de inovações.

A monotongação de /ow/ em /o/ e /ey/ em /e/, originariamente meridional, foi expandindo-se em direção ao norte (prova-

velmente no início dos séculos XIII e XIV). Em fins deste último século e na primeira metade do seguinte, a população do sul do país, sobretudo do Alentejo, adquiriu papel preponderante nos exércitos e na corte de D. João I, o que fez com que o processo de monotongação fosse acentuado.

O avanço da redução de /ow/ foi mais rápido do que o da redução de /ey/ como se deduz da atual expansão geográfica de uma e de outra e da não adoção até hoje de /e/ por /ey/ pela linguagem comum.

Em oposição à monotongação, veio a tendência de afastamento destes dois elementos. A variante /ay/, de Lisboa e de grande parte do norte de Portugal, diminui o perigo de fusão quando o primeiro elemento do ditongo /ey/ passa de anterior a central. Semelhantemente, na região norte de Trás-os-Montes, o /ow/ evoluiu para /aw/.

Um problema mais complexo na história dos ditongos é a origem do /oy/. Alguns autores consideram que a origem encontrasse na vocalização, em certas regiões, do /k/ de -oct- em /y/, -oit-, e em outras regiões em /w/, -out-. Apóiam-se em exemplos mais antigos do século XIV de **noute** em lugar de **noite**.

Outros autores, além de considerarem essa vocalização regionalmente limitada (de -ct- em -ut-, em vez de -it-), atribuem principal importância à evolução de /oy/ para /ow/ por uma hipotética influência da vogal labial sobre a semivogal palatal seguinte.

A variação /ow/ ~ /oy/ parece ser um resultado comparável neste aspecto a /aw/, ou seja, uma tendência a fugir da monotongação pelo afastamento dos dois elementos do ditongo. Neste caso, não se trata de uma leve modificação da zona de articula-

ção, como a que se observa na passagem de /ey/ a /ay/ ou de /ow/ a /aw/, mas sim de uma transformação radical da zona articulatória e do arredondamento da semivogal.

Somente esta tendência de evitar a monotongação parece suscetível de explicar a extraordinária freqüência da alternância de /oy/ por /ow/ em certas linguagens regionais, o que está certamente na origem da abundante penetração deste fenômeno na linguagem literária.

NOTAS

¹SOARES BARBOSA, J. Grammatica philosophica da lingua portugueza. 5.ed., Typographia da Academia Real das Sciencias, 1857.

A SITUAÇÃO DOS DITONGOS NO BRASIL: UMA BREVE NOTÍCIA

3. A SITUAÇÃO DOS DITONGOS NO BRASIL: UMA BREVE NOTÍCIA

Os estudos de geografia lingüística no Brasil são bastante escassos. Pouco foi feito em relação a estudos dialetológicos concernentes às diversas regiões brasileiras muito ricas em diversidade lingüística, ao contrário do que propalam os adeptos da tese ingênua da homogeneidade lingüística nacional. Ao buscarmos atlas lingüísticos que poderiam trazer e também estabelecer mais concretamente esta diversidade percebemos que a dialetologia brasileira pouco avançou neste sentido.

Não são muitos os estudiosos que se lançam nesse campo e mesmo dentre estes, poucos tiveram sucesso e chegaram a publicar o seu trabalho por mais que no ano de 1952 uma Portaria Ministerial tenha instituído o Centro de Pesquisas da Casa Rui Barbosa, o qual no seu artigo 9º, determinava elaboração do Atlas Lingüístico Nacional. Esta obra não vingou e raros são os trabalhos hoje disponíveis. Estes atlas reuniriam variantes obtidas através de respostas recolhidas ponto a ponto, revelando traços lingüísticos das diversas regiões brasileiras.

Dentre os trabalhos de cartografia lingüística disponíveis, destaca-se o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1965), preparado por uma equipe de pesquisadores, sob a direção do professor Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia. Outro trabalho publicado em meio a ampliação e renovação dos estudos lingüísticos, o Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais, elaborado pela equipe de professores da Universidade Federal de

Juiz de Fora, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini, Antônio Pereira Gaio e José Ribeiro, é também de muita utilidade. Dois trabalhos nordestinos são igualmente importantes no estabelecimento da posição dos ditongos no espaço geográfico: um é o Atlas Lingüístico da Paraíba, elaborado sob a orientação da professora Maria do Socorro Silva Aragão e o Atlas Lingüístico do Sergipe, em certa forma extensão do Atlas Prévio, organizado por Carlota da Silveira Ferreira, Jacyra Andrade Mota, Judith Mendes de Aguiar Freitas, Nadja Maia Cruz de Andrade, Suzana Alice Marcelino Cardoso, Vera Lúcia Sampaio Rollemberge, Nelson Rossi, publicado em 1987.

Dentre as cartas, que apresentam um grande número de variantes léxicas e fonéticas, foram separadas as de maior interesse e que não estivessem repetindo o mesmo contexto fonético de uma carta anterior.

O Atlas Prévio dos Falares Baianos mostrou estar o ditongo /ey/ em franca extinção em contextos em que aparece seguido de flape como em **cantareira** (clavícula), **torneira** (cabinete), **barredeira** (prostituta), **chamboqueiro** (desajeitado), **queiro** (dente do siso), **crueira** (parte inútil da farinha de mandioca), **leira** (canteiro) e **librina** (nevoeiro). O ditongo /aw/, em São José das Itapororocas, mantém-se com exceção do ponto 9, Santa Cruz Cabralia, no extremo sul, onde aparece o monotongo ao lado do ditongo: **garajau**.

No esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais a monotongação do ditongo /ey/ diante de flape domina, praticamente, toda a região da Mata, mantendo-se o ditongo em alguns pontos isolados.

No falar paraibano verifica-se o fenômeno da monotonga-

ção em determinados contextos, reduzindo de forma notória o número de ditongos. O /ey/ passa a /e/ no interior de palavras seguidas de palatal fricativa e ao anteceder o flape: **feijão** e **arqueiro**. Existe variação na manutenção do ditongo no interior da palavra antes de /t/ e /g/: **colheita** ~colheta, (mantém-se em **leitão**), **manteiga** ~mantega, (mantém-se em **meiga**). Em sílaba inicial tônica, o /ow/ realiza-se como /o/ (**ouro** - **oro**) em sílaba átona, como /u/ (**ouvido** - **uvido**). Em posição medial, o /ow/ realiza-se como /o/ (**besouro** - **besoro**).

O /ey/ em o Atlas Lingüístico de Sergipe aparece em dois contextos, na mesma palavra, antecedendo uma dental oclusiva, onde permanece conservado, e antecedendo o flape, onde é suprimida a semivogal: **feiticeiro**.

Podemos concluir, em suma, que o apagamento das semivogais atinge uma área bastante abrangente das regiões que já se encontram cobertas por atlas lingüístico. A redução é mais constante com a semivogal /w/ e em menor escala com /y/, o que nos leva a afirmar que a monotongação dos ditongos decrescentes é um fenômeno bastante geral no Brasil.*

* No anexo IV deste trabalho, encontram-se os mapas utilizados para a elaboração do presente capítulo.

METODOLOGIA

4. METODOLOGIA

MODELO DO ESTUDO

Este capítulo ocupa-se dos procedimentos metodológicos aplicados à presente investigação, que procurará aprofundar o entendimento do processo de variação lingüística e terá por modelo de análise aquele avançado pela Teoria da Variação, que assume a diversidade lingüística como objeto de estudo. O trabalho efetuar-se-á por meio de uma investigação da supressão de /y/ e /w/ na fala paranaense do Sudoeste.

DADOS DA PESQUISA

Os dados provêm de vinte entrevistas gravadas do projeto "Fontes Culturais para o Ensino", empreendido pela FUNDEPAR no início dos anos 80 com vistas a constituir instrumento para a reformulação dos currículos escolares, a serem qualitativamente melhorados. O projeto desdobrar-se-ia em recolhimento de fontes históricas e lingüísticas de diferentes regiões culturais do Paraná seguidas da elaboração de material didático com base nestas fontes.

COLETA DE DADOS

A recolha do material tomou a forma de pesquisa-participativa, inspirando-se em uma proposta político-pedagógica que buscava realizar uma síntese entre a investigação da dinâmica

da realidade e a participação do pesquisador e do povo neste processo de conhecimento do real. O entrevistado não é um mero objeto, mas também é o investigador e o estudioso.

Na região sudoeste foram registradas em fita cassete mais de cem horas de entrevistas com a população mais idosa da região que guarda ainda em sua memória os procedimentos e comportamentos não só pessoais como de segmentos importantes da região. São antigos tropeiros, lavradores, negociantes, pioneiros dos mais diversos matizes que, por tempos vividos na região, possuem em sua memória uma visão bastante ampla do que aconteceu durante todo o movimento de ocupação do sudoeste do Paraná.

A FUNDEPAR contactou as prefeituras e as inspetorias auxiliares de ensino, através de correspondências, de cada município que compõe a região com o intuito de divulgar o projeto e arregimentar colaboradores para a execução da pesquisa. As entrevistas foram realizadas por habitantes do próprio sudoeste. Os técnicos da FUNDEPAR ficaram responsáveis pela orientação da equipe de auxiliares de pesquisa local, definiram as estratégias de ação, esclareceram a sistemática operacional e treinaram os pesquisadores.

De todos os depoimentos coletados, selecionamos vinte horas de entrevistas, relativas ao testemunho de vinte e dois informantes, representando cinco dos seis municípios que compõem a região^{*}: Santo Antônio do Sudoeste, Marmeleiro, Renascença, Clevelândia, Chopinzinho e Nova Prata do Iguaçu.^{**}

* Mais informações sobre os informantes serão encontradas no Anexo II.

** No Anexo I encontram-se o mapa do Paraná e uma ampliação cartográfica dos municípios escolhidos.

TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Depois da contabilização dos dados, estes foram submetidos a teste de significância (teste do Qui-Quadrado), a fim de determinar a relevância dos fatores condicionadores no apagamento dos ditongos decrescentes.

O Qui-Quadrado é o mais usual teste não-paramétrico de significância utilizado em pesquisa na comparação entre duas ou mais amostras. Trabalhamos com o nível de aceitação (significância) de 95% ou grau de rejeição de 0,05%.

LIMITAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Para a Sociolinguística, estas entrevistas têm um atrativo e uma limitação. Os estudos de narrativa de experiência pessoal têm demonstrado que o informante ao relatá-las, está tão envolvido emocionalmente com o que relata, que presta o mínimo de atenção ao como relata. E é precisamente esta a situação natural de comunicação encontrada no depoimento dos entrevistados. Eles narram com grande envolvimento emocional o processo de ocupação do Sudoeste e, principalmente, o Levante de 1957, contra as companhias de colonização que açambarcavam terras da região. Por outro lado, ao longo da própria entrevista, o informante comunica dados pessoais relevantes para a pesquisa sociolinguística, como sexo, idade, escolaridade e ocupação. Lamentavelmente, porém, estes registros não permitem efetivo controle da variação de estilo, que deverá ser sacrificado a bem do rigor do método.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

5. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O nome sociolinguística só aparece em 1942 em um trabalho de Haver C. Currie, que pretendia encorajar as investigações sobre a relação entre a fala e a sociedade. No entanto, as tentativas de analisar a fala no seu contexto social já aconteciam antes da primeira metade deste século, algumas por linguistas, outras por sociólogos e psicólogos.

No ano de 1964 acontece a virada nos estudos da língua no seu contexto social, Labov elabora a sua dissertação, publicada em 1966, sobre a estratificação social do inglês de Nova Iorque que demonstra a relação das variáveis linguísticas com os parâmetros sociais.

Os primeiros trabalhos em sociolinguística nos Estados Unidos têm a intenção de capacitar as escolas para a integração, através de um plano cuidadoso, das minorias linguísticas em uma sociedade americana monolíngüe. Devemos entender que o avanço da teoria sociolinguística nos Estados Unidos, nos primeiros tempos, foi motivada por razões sócio-políticas, o interesse da sociedade americana era o de evitar conflitos através de uma aparente conciliação linguística, porém não aconteceu a eliminação dos contrastes sociais.

As discussões teóricas em sociolinguística tomaram dois rumos diferentes, nestes últimos anos, decorrentes da realidade que circundou os primeiros trabalhos. Alguns estudiosos consideram a sociolinguística um ramo de pesquisa interdisciplinar e

outros entendem a sociolinguística como uma extensão de disciplinas tradicionais como a sociologia ou a linguística.

O entendimento das diferentes concepções do alcance da sociolinguística propicia a compreensão dos seus problemas e interesses específicos e gerais. Por específicos consideramos aqueles que objetivam estudar a língua no seu contexto social. As questões gerais referem-se às investigações correspondentes às situações que envolvem o ato de fala: "quem fala com quem, que variante usa, sobre o que fala, onde, quando, com que intenção e quais as conseqüências sociais da fala?" As investigações gerais necessitam de uma integração interdisciplinar em todos os níveis e que envolva uma pluralidade de métodos. A análise da língua, no seu contexto social, também vai além da própria disciplina, tudo dependerá do objetivo do estudo.

A variação na fala é analisada imparcialmente, não se baseia em escalas de valores normativos. Procuramos descrever a variação com a intenção de explicar como e em que funções podemos subdividir os sistemas linguísticos, de que maneira as realizações linguísticas são avaliadas, com que amplitude os sistemas linguísticos interferem uns sobre os outros (níveis fonológicos, sintáticos e semânticos) e sobre que bases de relação eles coexistem ou atingem um conflito social.

O objetivo da pesquisa da variação linguística é descrever e explicar a totalidade da rede social do desempenho e da complexa competência que os falantes têm a seu dispor para a comunicação em analogia com as normas e parâmetros sociais. Esta descrição deve ser feita de tal forma que uma base seja formada para a compreensão de uma teoria linguística que explique os desenvolvimentos e mudanças e que procure evitar os confli-

tos que, por ventura, possam surgir da variação.

Certas características lingüísticas resultantes do processo histórico de influência mútua da língua e da estrutura social provocam a diversidade nas diferentes modalidades.

Podemos observar que a sociolingüística está interessada em analisar e explicar a conduta lingüística da sociedade. A justificativa e formulação do problema, a seleção representativa dos informantes, os problemas com a obtenção e elicitação dos dados, a escolha das categorias descritivas e a explicação da conduta social são questões compartilhadas com as pesquisas sociológicas.

O problema fundamental é verificar que tipo de informação será obtida em cada situação de fala, qual será o falante buscado para o estudo e de que modo será feita a investigação. São usados dois métodos para a resolução deste problema: o correlacional e o funcional.

A investigação correlacional considera as relações entre as categorias sociais e lingüísticas como muito próximas, mas as categorias constituem sistemas independentes. As informações dos indivíduos são obtidas através de questionários, entrevistas, testes particulares, etc. As categorias sociais são consideradas parte do estudo, são medidas por características que são independentes do processo da comunicação. Partimos da premissa empírica de que mudanças sistemáticas em estruturas sociais e lingüísticas podem ser reveladas correlacionando os dois conjuntos de variáveis que devem ser medidos independentemente um do outro.

A visão funcional (interacional) busca provar que as relações sociais tornam-se o mais importante determinante das si-

tuações de fala.

A observação participante, entrevistas e gravações de conversas propiciam ao sociolinguista uma descrição adequada da variação, porém ele deve controlar as regras normativas subjacentes ao desempenho.

A observação segura dos fatos, tarefa intensivamente perseguida por William Labov com sua combinação de técnicas correlativas e funcionais, é afetada por problemas que tornam difícil a investigação sistemática da língua usada no dia-a-dia: a agramaticalidade da fala real, as variações nas situações de fala e na comunidade de fala, as dificuldades em ouvir e gravar as entrevistas e a raridade de conseguir certas formas sintáticas.

Segundo Labov, uma das propriedades mais marcantes da língua, em oposição a outras formas da conduta humana, é o seu caráter uniforme. Crianças e adultos, mendigos e princesas, trabalhadores braçais e empresários, todos têm acesso à língua usada por sua comunidade e podem derrubar as mais resistentes barreiras sociais. Ao reconhecer essa relativa homogeneidade da língua, certos linguistas pretenderam basear todo seu trabalho descritivo de dialetos em dados provenientes de um único informante. O que estes pesquisadores não valorizam é que há contextos onde esta abordagem associal resultaria em um levantamento inadequado.

Existem certos conhecimentos do uso da língua que somente serão esclarecidos se o linguista souber recolher os dados convenientemente: qual a competência total do falante, quantos sistemas coexistentes são utilizáveis por ele, qual amplitude da variação é possível em cada sistema e como esta amplitude

pode ser usada na comunicação e na educação em uma sociedade. O pesquisador é responsável por levantamentos confiáveis, pois é a partir deles que ficará elucidado quais as formas de linguagem que podem ser usadas em textos, em reuniões públicas ou na comunicação entre o poder e o povo.

A língua existe como um fato social, não há mais o que negar; resta buscar a sistematização, através da pesquisa, deste fato social.

Para estudar a língua no seu contexto social é evidente a necessidade de articular o trabalho do lingüista com as contribuições dadas por psicólogos, cientistas políticos, sociólogos, demógrafos e antropólogos. O plano social dará ao lingüista subsídios para a pesquisa, embora exista a tendência de abandonar esta abordagem por acreditar-se que ela não apresente muita relação com os estudos lingüísticos, crença que não se efetiva na prática sociolingüística.

A amostragem de uma comunidade na totalidade é uma tarefa formidável; um estudo social necessita de um grande número de entrevistadores e analistas. Porém, a regularidade das estruturas e do processo lingüístico é tão grande que ela pode emergir do estudo de áreas limitadas e de pequenas amostras.

O sociolingüista poderá trabalhar com um projeto descritivo de extensão intermediária. De uma comunidade lingüística, procura-se conhecer o significado das estruturas lingüísticas usadas do ponto de vista da sociolingüística, em que contexto social são usadas e quais são as normas ou regras estabelecidas para o seu uso. Um projeto sociolingüístico fará maior progresso ao estudar uma língua conhecida em uma pequena comunidade conhecida. Quanto mais se sabe sobre as estruturas básicas de

uma língua, mais poderá ser descoberto sobre ela.

O objetivo principal da pesquisa sociolinguística é o de localizar e descrever a língua materna usada por pessoas comuns, ricas e pobres, instruídos e sem instrução. Existem, contudo, muitas variedades, registros e estilos da língua materna; procura-se a forma usada na comunicação diária, o vernáculo. O vernáculo é o uso da fala nas comunicações mais informais, às quais pouca atenção é dada a forma de linguagem que está sendo utilizada. Todos falam um vernáculo, independentemente de classe social ou instrução; ele não é difícil de ser encontrado, a maior parte do vasto corpo da fala usada na comunicação diária é a forma vernacular. Mas, para o pesquisador treinado, este objeto pode ser bastante difícil de alcançar e gravar, visto que ele, sistematicamente, escapa de sua observação. Cinco axiomas metodológicos emergiram de trabalhos anteriores e mostram porque isto acontece:

1. ocorre a mudança de estilo (os falantes mudam de estilo quando mudam de assunto);
2. é dada atenção à fala usada;
3. existe a supremazia do vernáculo;
4. a formalidade no momento da formulação das perguntas;
5. a prioridade dos dados necessários.

Surge, em consequência, o paradoxo do observador, uma vez que o objetivo da pesquisa é observar como as pessoas falam quando elas não estão sendo observadas. A busca de soluções para este paradoxo constitui um dos cerne da pesquisa sociolinguística.

Na pesquisa sociolinguística, o primeiro passo, é, obviamente, entrar na comunidade, ele deve ser anterior à formulação

de propósitos formais e será repetido muitas vezes durante o projeto.

O lingüista deverá descrever a fala gravada em sua entrevista exploratória; uma primeira abordagem será a transcrição de uma ou duas entrevistas completamente, incluindo a transcrição fonética detalhada que poderá chamar a atenção do pesquisador para variáveis que de outra forma se perderiam.

O interesse da sociolingüística é a variação. Se a língua registrada em uma entrevista é a mesma descrita em trabalhos de fases anteriores, não existe variação, não há nada a se fazer. O lingüista precisa dizer algo a mais sobre a variável do que aquilo que já se sabia.

Uma vez localizada a variação, deve-se estabelecer o perfil das classes variáveis, excluindo qualquer classe invariante, e passar ao estudo da própria variável. O princípio fundamental que guia a atividade lingüística é a contabilização. Procura-se estabelecer a proporção de casos nos quais uma variante dada ocorre sem aqueles casos onde ela deveria ter ocorrido.

É preciso estabelecer a definição e identificação da variável lingüística e para tanto deve-se seguir os seguintes estágios:

1. descoberta da variável;
2. interpretação (significado de cada variante);
3. a localização da variável no estrato lingüístico;
4. generalização (descobrir os contextos nos quais a variável ocorre, excluindo aqueles em que só ocorre uma ou outra forma); e
5. desenho do instrumento (modificam-se as técnicas de entrevista para se obter as informações necessárias

das subclasses relevantes).

O principal interesse da pesquisa será a construção de um estudo sociolingüístico sistemático que permita a descrição de uma amostra representativa da comunidade estudada pelo investigador. A tentativa de trabalhar com grandes comunidades urbanas, o que resultará em uma abordagem abrangente, pode caracterizar-se em uma grande armadilha, não se pode desconsiderar a dificuldade de tal tentativa. Para evitar complicações, o caminho mais seguro é preocupar-se com uma pequena amostra (que, às vezes, é de quatro ou cinco informantes) que represente um grupo homogêneo dentro de uma comunidade estudada.

As deduções feitas a partir da amostra terão maior solidez se forem embasadas em observações diretas do processo social que distribui a variável sociolingüística revelada na investigação.

O conhecimento das limitações da entrevista face-a-face, tema central da metodologia sociolingüística, é efetivo, mas também é verdade que não existe outra técnica que propicie um corpo tão grande de dados gravados e informações demográficas necessárias ao estudo sistemático da comunidade. Cada elemento da entrevista existe para possibilitar a solução de problemas surgidos na observação direta sem perder nenhuma das vantagens de tal procedimento. A entrevista pode ser dividida em duas partes básicas: a espontânea e a controlada. Em geral, a entrevista controlada segue a espontânea de tal forma que a discussão da língua não venha a influenciar o corpo principal da entrevista. Existe a possibilidade, no entanto, de haver exceções a esta regra e alguns bons exemplos de fala espontânea podem ser obtidos depois que tenham sido realizados alguns testes formais.

Existem três focos de interesse descobertos no curso das pesquisas sobre a variedade no contexto social:

1. a morte e o perigo da morte;
2. o casamento, o namoro e o sexo; e
3. a indignação moral.

Estes tópicos chamam a atenção do falante e quando levantados na forma e ambiente adequados, podem provocar um grande fluxo de fala. Ao formular questões sobre estes e outros tópicos, o investigador terá sucesso ao permitir que o entrevistado fale sobre assuntos que domine e tenha facilidade ao discorrer sobre eles.

Existem diferentes tipos de testes formais e entrevistas usados na pesquisa sociolinguística:

1. questões abertas sobre a língua (sempre existe, por parte do falante, alguma atitude em relação à língua);
2. leitura;
3. lista de palavras (fotografias e desenhos podem ser usadas para elicitare palavras individuais, portanto este tipo de teste também pode ser usado para analfabetos);
4. pares mínimos e teste de permuta (permitem ao linguista uma rápida e clara descrição do sistema fonológico);
5. testes de correção em salas de aula (o linguista que deseja estudar as formas estigmatizadas usadas pela comunidade e o seu "status" enquanto bloqueadora da mobilidade social, faz uso deste tipo de teste);
6. testes de correção vernacular (os resultados obtidos com este tipo de teste são basicamente os mesmos do

feito em sala de aula, o informante além de não reconhecer sua própria forma de linguagem, representada em textos gravados, não admite o seu uso);

7. insegurança lingüística (procura separar as normas do uso corrente da língua das normas gramaticais; o falante sempre assumirá o uso da fala estabelecido pela gramática);
8. testes de origens familiares (verifica se o informante pode identificar dialetos particulares como característicos de áreas geográficas ou classes sociais);
9. testes de reação subjetiva (estudo das atitudes inconscientes em relação às línguas).

Importa salientar que o pesquisador poderá desenvolver suas próprias técnicas para o exame formal das atitudes em relação à língua. O trabalho deverá perseguir os objetivos pré-estabelecidos em sua pesquisa.

O modelo de análise proposto por Labov (Teoria da Variação) apresenta-se muito mais como um estudo de metodologia sociolingüística do que como um modelo teórico de análise. Ele surge como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo de Chomsky. Existe uma grande relação entre língua e sociedade e nessa relação a heterogeneidade é evidente. Em cada situação de fala percebemos que a língua poucos indícios apresenta de homogeneidade, o que impossibilita o uso de apenas um informante na descrição da fala de uma comunidade.

A variação acontece e é própria da língua falada, mas ela não impede que os membros de uma comunidade entendam-se e comuniquem-se o que viabiliza a tentativa de sistematização dessa diversidade. E como fazer, então? É isso que a teoria socio-

lingüística de Labov procura sistematizar e analisar variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala.

OS RESULTADOS DA PESQUISA

6. OS RESULTADOS DA PESQUISA

A língua falada é heterogênea e variável. Esta variabilidade, no entanto, é passível de sistematização. Devemos considerar a língua falada como um sistema variável de regras. Cabe ao lingüista descrever, analisar e, quando possível, sistematizar a variação existente, estabelecendo algumas das regras que regulam este sistema, muito embora heterogêneo, de comunicação entre os homens.

A sistematização da variação lingüística leva ao entendimento de que cada variante possui fatores condicionadores (contextos que a favorecem), a influírem potencialmente na realização da variável, de uma ou de outra forma.

A hipótese de que a supressão da semivogal constitui um fenômeno sistemático que independe de sexo, escolaridade e idade foi levantada a partir do recolhimento dos dados e do estabelecimento dos fatores condicionadores do apagamento.

Nove grupos de fatores foram propostos como possíveis condicionadores da variação oferecida pela supressão da semivogal. Dentre os nove fatores reconhecidos, sete são lingüísticos e dois extralingüísticos.

O encaixamento lingüístico da variável justifica a distribuição dos grupos de fatores a partir do próprio sistema lingüístico.* Os fatores extralingüísticos considerados foram os possíveis a partir dos dados da pesquisa: sexo e faixa etária.

*No anexo V, encontram-se os fatores e subfatores condicionadores da variação na supressão da semivogal.

O tratamento estatístico dos dados indicará que certos grupos de fatores são responsáveis pela implementação de uma variante e outros não demonstram qualquer efetividade na aplicação da regra variável.

6.1. - A VARIAÇÃO: ALGUMAS PRELIMINARES

Cada fator condicionante estudado será exposto separadamente e os elementos levantados no processo serão discutidos na apresentação dos resultados.

Foram considerados apenas os ditongos orais decrescentes, objetos desse estudo, deixando de lado os ditongos nasais decrescentes, que não sofrem a supressão da semivogal e, portanto, não estão em variação. Não encontramos casos de apagamento da semivogal em nenhum contexto.

Por terem apresentado comportamento diferente em cada contexto verificado, as semivogais /y/ e /w/ serão consideradas como participantes de processos fonéticos independentes, relacionados ao apagamento das semivogais.

Os resultados serão apresentados através de gráficos e tabelas, às quais já foram aplicadas o teste de Qui-quadrado com o objetivo de verificar a relevância do fator examinado.

Ao iniciarmos a contabilização dos dados, trabalhávamos com um número muito maior de subfatores, porém muitos deles mostraram-se totalmente inibidores do processo de apagamento, o que nos permitiu eliminar tais elementos da contagem geral, como as vogais /E/, /i/, /O/ e /u/, e alguns contextos fonológicos posteriores, a bilabial nasal /m/ e a dental nasal /n/.

A superposição entre os grupos de fatores ponto e modo de articulação possibilitou a sua união em um único grupo, mais

abrangente, que oferecesse visão mais global da variação: contexto fonológico posterior. No grupo classe do vocábulo o subfator numeral foi incluído no subfator adjetivo, seguindo discussões morfológicas que não cabe aqui retomar.

Embora os dois segmentos em análise apresentem resultados muitas vezes diferentes em cada contexto estudado, a análise do processo de apagamento de uma semivogal será feita paralelamente à da outra.

6.2. - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

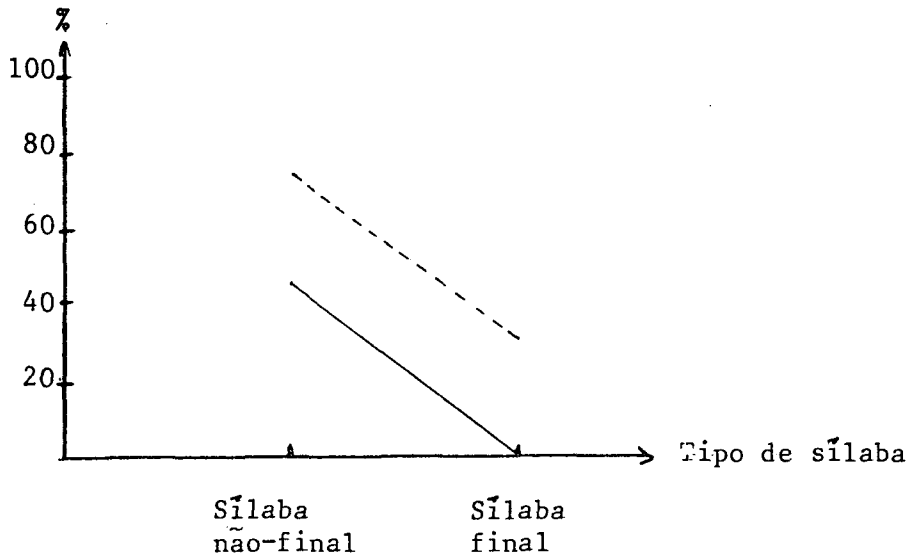
Procuramos mostrar que a supressão da semivogal está profundamente relacionada com fatores lingüísticos e que pouca, ou mesmo nenhuma, influência exercem os fatores extralingüísticos reasteados.

Para as análises apresentadas nas seções que se seguem, tomaremos como referencial os valores relativos à amostra estudada que serão apresentados através de oito tabelas seguidas da sua representação gráfica.

Tabela I - TIPO DE SÍLABA

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
Sílaba não-final	1010/2336	43	625/823	76
Sílaba final	1/1528	0	702/2215	32
TOTAL	1011/3864	26	1327/3038	43

TIPO DE SÍLABA



*Em todos os gráficos consideraremos:

---/w/

—/y/

Tabela II - TONICIDADE

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
sílaba átona	133/403	33	87/276	32
sílaba tônica	878/3461	25	1240/2762	45

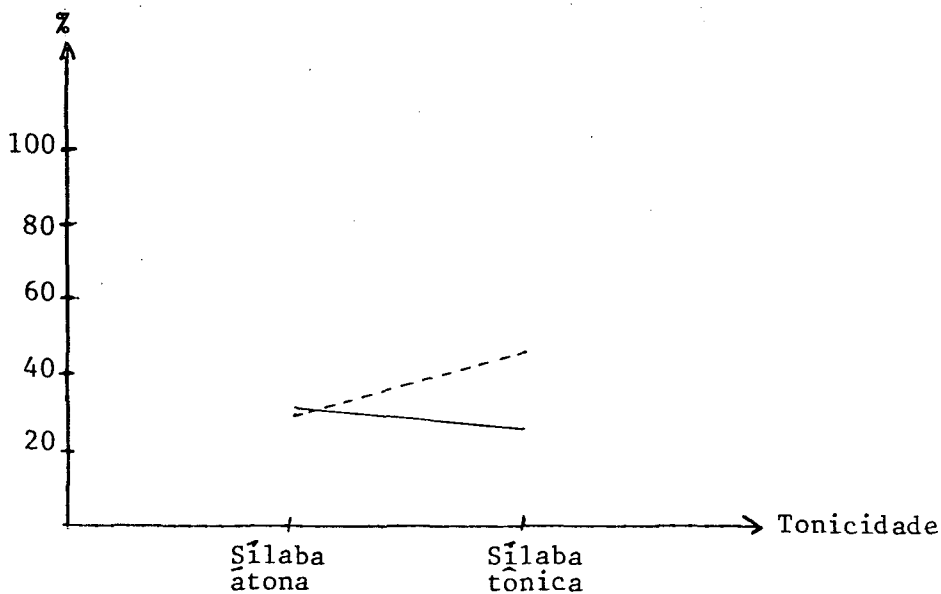


Tabela III - VOLUME VOCABULAR

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
Monossílabo	0/1199	0	15/1283	1
Dissílabo	117/1332	8	978/1230	80
Trissílabo	683/996	69	278/401	69
Polissílabo	211/337	63	56/124	45

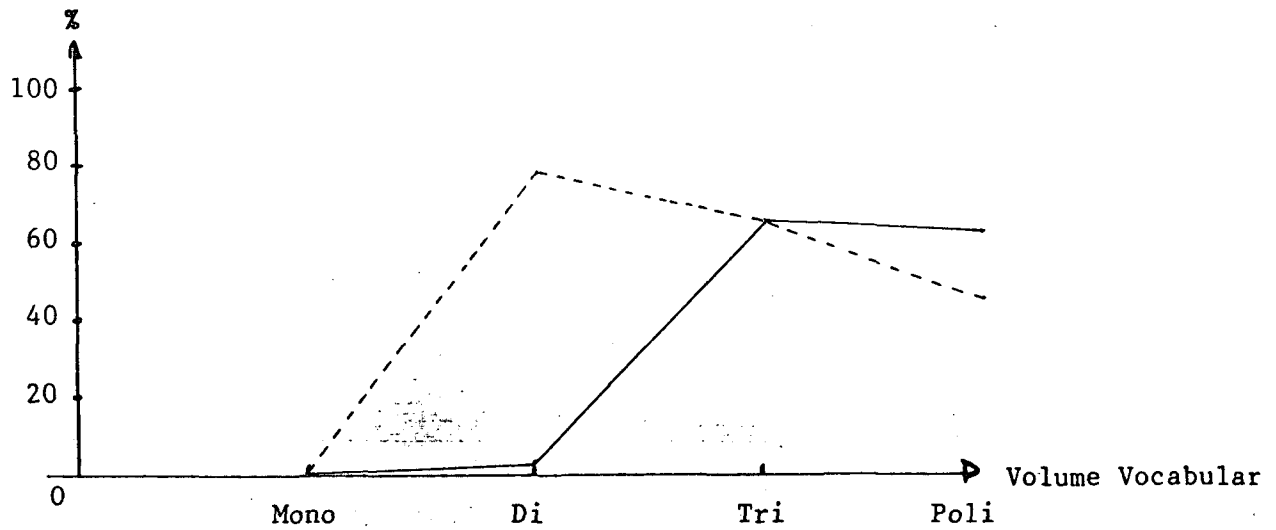


Tabela IV - TRAVAÇÃO

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
Travado por /s/	0/716	0	0/118	0
Não travado	1011/3148	32	1327/2920	45

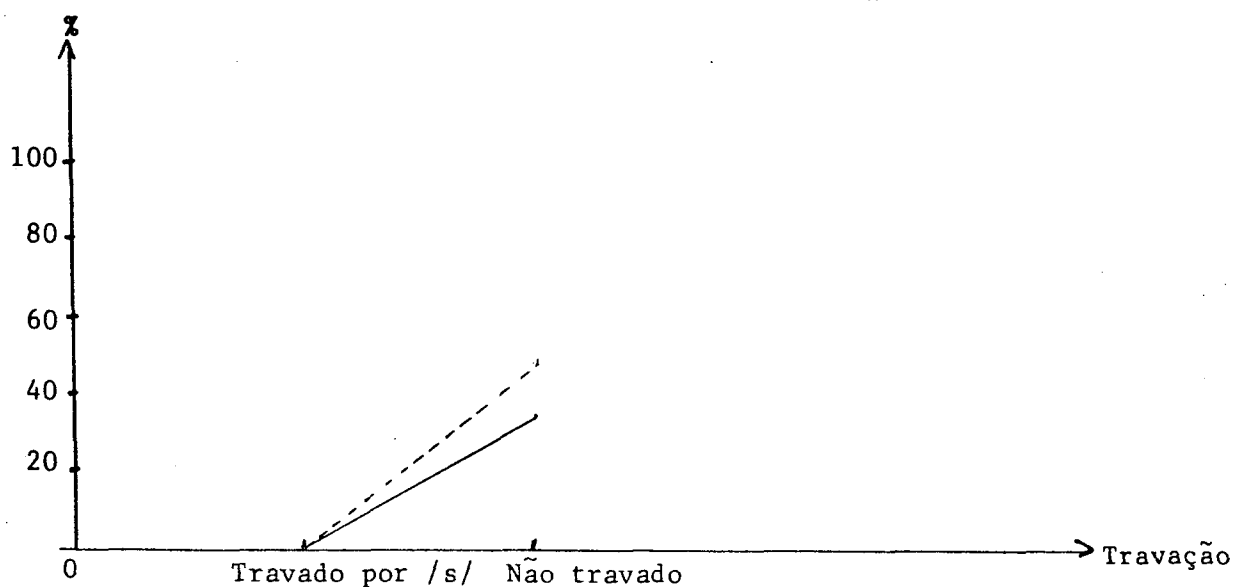


Tabela V - CLASSE DO VOCÁBULO

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
Verbo	57/787	7	795/1230	65
Substantivo	751/1311	57	122/317	38
Pronome	0/881	0	405/1481	27
Advérbio	25/432	6		
Adjetivo	178/453	39	5/10	50

NOTA: As classes morfológicas que não foram citadas não apresentaram nenhum caso de monotongação.

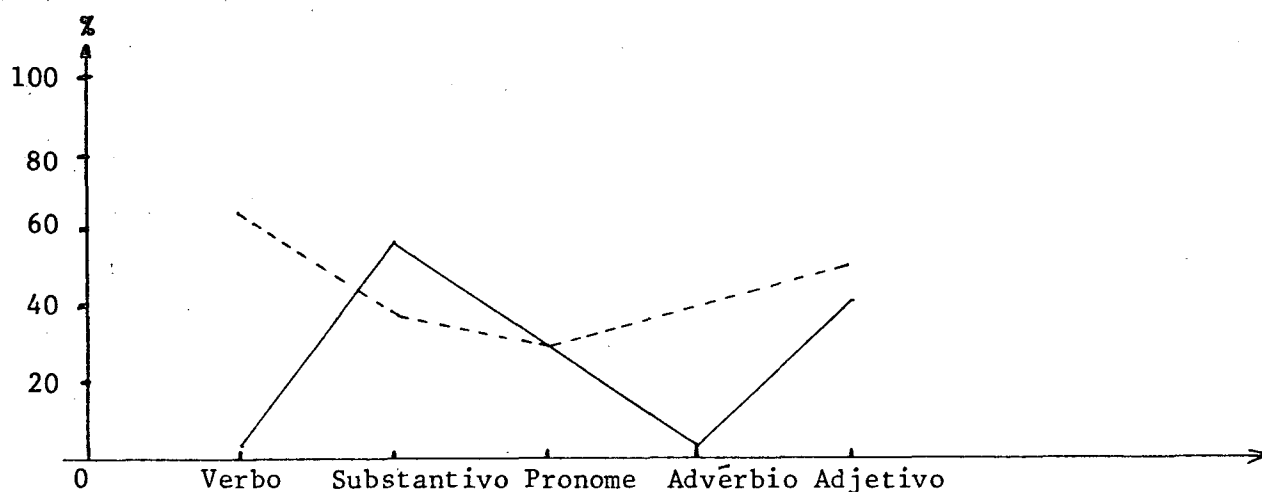


Tabela VI - CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
/a/	56/796	7	2/158	0
/e/	945/1902	50	79/1361	6
/o/	10/1166	1	1246/1519	82

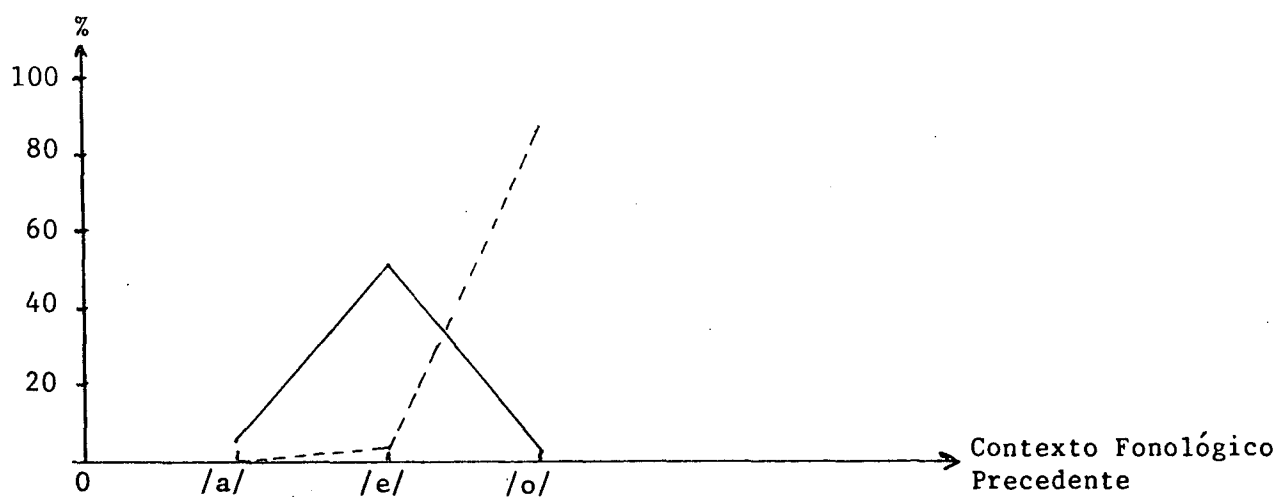


Tabela VII - CONTEXTO FONOLÓGICO POSTERIOR

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
Palato Alveolares /s, ʒ/	147/245	60	23/28	82
Flape /r/	855/881	97	70/75	93
Alveolar Fricativa /s/	1/921	0	172/324	53
Velar Oclusiva /k, g/	0/3	0	177/184	96
Dental Oclusiva /t, d/	8/810	1	119/166	72
Labiodental Fricativa /v/	1/7	14	46/55	84
Zero	0/997	0	720/2206	83

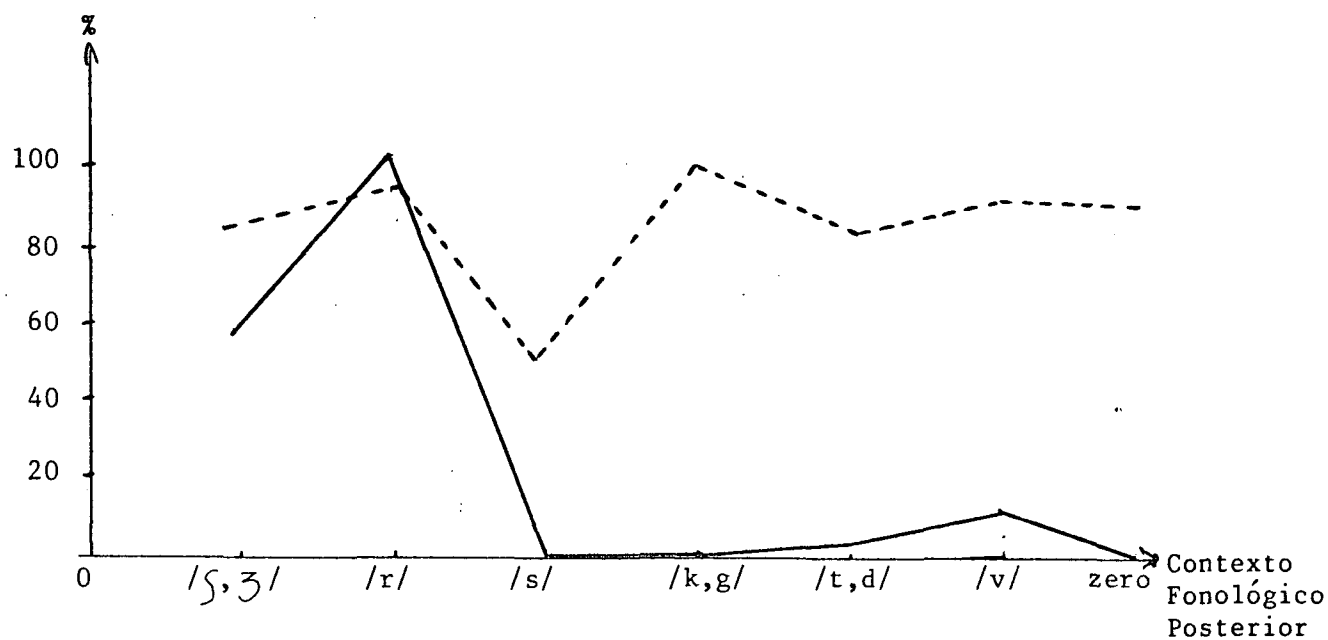


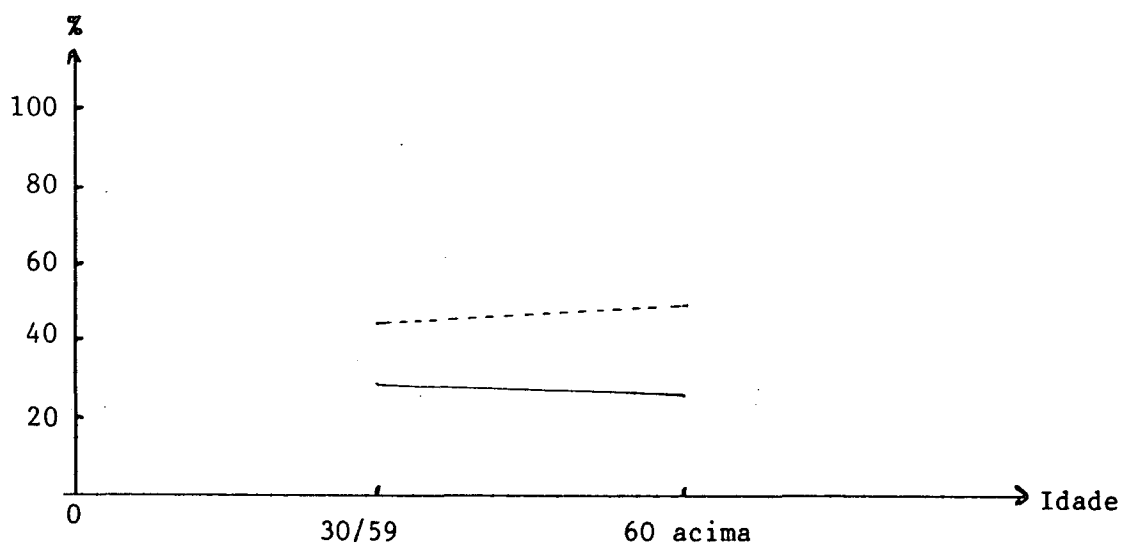
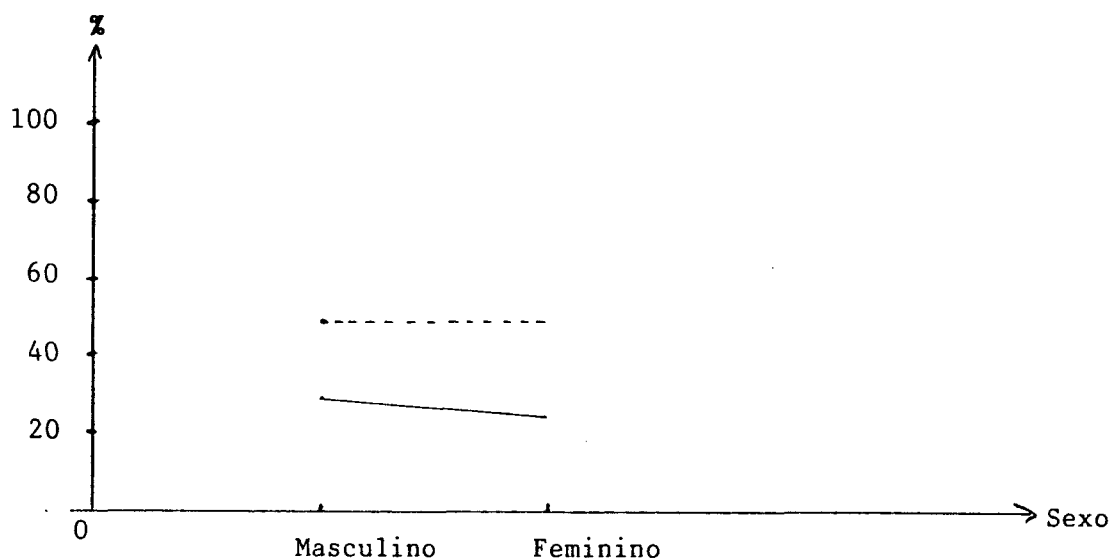
Tabela VIII - FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
Masculino	819/3074	27	1052/2412	44
Feminino	192/790	24	275/626	44

Sexo

	/y/		/w/	
	supressão	%	supressão	%
30 a 59 anos	563/2092	27	676/1599	42
60 anos acima	448/1772	25	651/1439	45

Idade



6.3. - ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.3.1. - Tipo de Sílabas

O primeiro contexto estudado foi o tipo de sílaba em que se encontra o ditongo. A sílaba final apresentou-se como bastante inibidora do processo de apagamento. O ditongo que apresenta a semivogal /y/ não se reduz em sílaba final. As formas verbais dominam a ocorrência do ditongo nesse contexto e evidenciam a total inibição do apagamento do /y/, provavelmente por ser o /y/ portador de carga verbal significativa: /fi.'key/.

Em contrapartida /w/ precedido de /o/, em sílaba final, sempre é monotongado, mesmo nas formas verbais: /fa.'low > fa.lo/. Em sílaba não-final ocorre supressão bastante acentuada com /w/, /dow.'ra.do > do.'ra.do/; o apagamento de /y/ nesse contexto não chega a 50%.

6.3.2. - Tonicidade

A tonicidade não se apresentou como um fator relevante no apagamento das semivogais. A diferença entre o índice de apagamento das semivogais em sílaba átona e sílaba tônica não é significativa. Enquanto a semivogal /w/ reduz mais em sílaba tônica, a semivogal /y/ o faz em sílaba átona.

O trabalho de Paiva (1988) contraria este nosso posicionamento: essa outra esperava que às semivogais com traço [+ acento] estariam associadas menores probabilidades de supressão devido a maior energia expiratória presente nas sílabas tônicas. Os nossos dados revelaram o contrário, mas de uma forma pouco significativa, o que nos leva a concluir que a tonicidade pouca influência exerce sobre o processo de apagamento.

6.3.3. - Volume vocabular

Ao considerarmos o volume vocabular, percebemos que o bloqueio da monotongação entre os monossílabos é categórico, tanto em relação a /y/ quanto a /w/.

O maior índice de redução de /w/ acontece entre os dissílabos em oposição a /y/ que, praticamente, não apresenta casos de redução nesse contexto.

É importante considerarmos que muitos dos itens lexicais encontrados entre os dissílabos são os vocábulos **outro** e **pouco**,

que, sem nenhuma exceção, aparecem monotongados. Outro fato paralelo a esse e que leva ao questionamento da relevância do fator volume vocabular no processo de apagamento da semivogal é a presença de um grande número de palavras polissilábicas em que o /y/ aparece seguido do flape. Sabemos que tanto o flape, no caso de /y/, como as oclusivas, para /w/ mostram-se fatores bastante categóricos no apagamento das semivogais. Parece evidente que o subfator volume vocabular está subordinado ao contexto fonológico posterior à semivogal em grande parte dos dados verificados.

6.3.4. - Travação

Quando as semivogais aparecem em contextos onde ocorre a travação por /s/ (/ 'mays/ e / 'dews/), o processo de monotongação é totalmente bloqueado.

Ao examinarmos o contexto travação, podemos considerar que neste caso esteja acontecendo a superposição de dois outros condicionadores da retenção das semivogais. O maior número de palavras travadas por /s/ eram monossilábicas e já foi visto anteriormente que os monossílabos apresentam um índice nulo de monotongação. Também devemos levar em conta que a sílaba tônica final travada por /s/ é um contexto bastante favorável à ditongação. Podemos constatar que, na fala oral, o monotongo muitas vezes tem sido ditongado, o que já foi mencionado por vários gramáticos, como acontece em / 'veys/ para vez. Esta tendência à ditongação de contextos travados por /s/ pode estar reforçando a manutenção dos ditongos nesses mesmos ambientes.

6.3.5. - Classe do Vocábulo

Embora estivéssemos atraídos pela idéia de que o fenômeno da supressão das semivogais fosse essencialmente fonético, investigamos um grupo de natureza morfológica. Consideramos a classe morfológica dos itens lexicais trabalhados. O resultado novamente mostrou-se bastante diferente para o comportamento da supressão de cada semivogal. Torna-se mais claro, a cada contexto estudado, que tanto o /y/ quanto o /w/ passam por processos distintos de monotongação.

A supressão do /y/ em ditongos de verbos e advérbios é quase nula. Os ditongos que não são reduzidos estão situados em sílaba final: /pẽ.'sey/. Poderíamos considerar que o ditongo carrega uma marca verbal (tempo, número e pessoa), que não poderia ser apagada. Mas como explicar que o ditongo formado com a semivogal /w/ apresenta um índice tão elevado de supressão, no mesmo contexto morfológico?

Existe a diferença na aplicação da regra de supressão da semivogal, mas não podemos firmar, categoricamente, sobre o que esteja motivando esta diferença. Talvez esteja ocorrendo, também aqui, uma sobreposição de fatores e o ambiente fonológico esteja exercendo maior pressão sobre o apagamento da semivogal. Podemos considerar ainda que a monotongação do /w/ já está praticamente concluída e acontece em todos os contextos em que aparece o ditongo, portanto, quase não existe efeito inibidor dessa redução. O apagamento de /y/ ainda não atinge todos os contextos em que ocorre a redução de /w/ o que pode explicar a manutenção da semivogal /y/ em contextos em que não encontramos mais /w/.

No subfator substantivos encontramos os derivados do ti-

po brasileiro, engenheiro, pedreira, os quais já foram mencionados no trabalho de Bisol (1989). Pela grande incidência do flape nestes vocábulos podemos concluir que a redução aqui não esteja relacionada a classe morfológica da palavra, mas sim, que estamos diante de um condicionamento fonológico. A classe do vocábulo posiciona-se como um fator pouco relevante no caso do apagamento da semivogal.

Os adjetivos apresentam um comportamento muito parecido com o dos substantivos, provavelmente por constituírem uma classe bastante próxima dos substantivos. Não existe, também, grande diferença entre a situação do /y/ e do /w/, como já não existia entre os substantivos.

Entre os pronomes encontramos, com grande frequência, as formas **outro** e **pouco**, que sempre são pronunciadas monotongadas.

6.3.6. - Contexto Fonológico Precedente

O fenômeno da supressão da semivogal também foi observado em relação ao contexto fonológico precedente. Sete foram os subfatores levantados (/a/, /e/, /i/, /o/, /ɛ/ e /ɔ/), mas destes apenas três mostraram alguma relevância para o estudo: /a/, /e/ e /o/.

O cancelamento da semivogal ocorre, preferencialmente, quando esta é precedida de /e/, no caso de /y/, e de /o/, antes de /w/. Observando-se o ponto de articulação dos dois pares de segmento, percebemos que ambos possuem o mesmo ponto de articulação: /e/ e /y/ são [- posteriores] e /o/ e /w/ são [+ posteriores]. Apoiando-nos em tais evidências, podemos considerar o processo de apagamento da semivogal como um fenômeno de assimilação. As semivogais são assimiladas pelas vogais, seguindo uma tendência bastante comum na língua falada: a econo-

mia de traços, dois traços com o mesmo valor podem ser reduzidos a um só, sem que com isso haja prejuízo de entendimento na comunicação.

A existência de um espaço menor entre a articulação da vogal e da semivogal posteriores do que o existente entre a vogal e a semivogal anteriores apresenta-se como um argumento a mais em favor da tese de assimilação da semivogal. A maior proximidade dos segmentos posteriores pode estar propiciando um processo assimilatório.

A monotongação do /ow/ atinge uma vasta extensão do território de língua portuguesa. Neste processo de mudança ainda são esperadas as duas formas, embora a reduzida, /o/, domine o campo da variação. A propriedade de distinguir palavras pela semivogal /w/ está sendo perdida, /'ow. so/ X /'o.so/, pois o ditongo /ow/ pode ser trocado por /o/ em quase todos os contextos.

Os demais subfatores que acompanham as semivogais também exercem alguma influência na redução, porém, o índice de ocorrência da redução é bem inferior, chegando próximo a zero. Resta observarmos o fato de que a consoante que segue a semivogal tem papel importante no fenômeno e, provavelmente, seja ela a responsável pela monotongação nestes ambientes em que a vogal não favoreceria o apagamento por estar articulatoriamente mais distante da semivogal, dificultando a sua assimilação.

6.3.7. - Contexto Fonológico Posterior

Os subfatores que mostraram maior atuação no processo de apagamento de /y/ foram os segmentos consonantais palato-alveolares e o flape. Não consideraremos os exemplos de labio-dental fricativa por não constituírem uma amostra empiricamente váli-

da, pois já sabíamos do efeito inibidor desse contexto sobre a redução do ditongo.

Podemos afirmar que o contexto que maior influência exerce sobre o apagamento de /y/ é o flape. Este segmento possui o maior número de traços, essencialmente vocálicos, em comum com as vogais: [+ sonoro] e [+ contínuo], porém devemos observar a falta de consenso quanto à atribuição do traço [+ contínuo] a /r/. Schane (1971) confere o traço [+ contínuo] às palato-alveolares, caracterização bastante favorável à formulação da regra variável da supressão. Pontes (1972) apresenta a classificação das palato-alveolares quanto à sonoridade, embora não mencione o traço continuidade.¹

Seria econômico atribuir o traço [+ sonorante] às palato-alveolares na formulação da regra variável. Sabemos, no entanto, que o traço [- sonorante] de /ʃ/ pode exercer um efeito inibidor da aplicação da regra, o que viria a justificar o número inferior de casos de apagamento diante das palato-alveolares em oposição ao flape. Estas evidências levam-nos à conclusão de que o traço de continuidade exerce grande influência na sistematização do processo de redução da semivogal.

A vantagem de conferirmos o traço [+ sonorante] às palato-alveolares reside na coincidência de propriedades dos segmentos vocálicos e consonantais envolvidos no processo. Existe um fenômeno de assimilação que é praticamente bloqueado por outros fatores, como as oclusivas, que não possuem estes traços. O contexto fonológico posterior propicia a redução da semivogal, que poderia ser bloqueada pelo contexto anterior: /'bay. ʃ a/ > /'ba. ʃ a/.

A partir de tais observações, podemos elaborar uma das

regras que procura sistematizar a variação no apagamento da semivogal e ela levará em conta o contexto fonológico posterior à semivogal:

$$R_1 \left[\begin{array}{l} - \text{silábico} \\ - \text{consonantal} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \left[\begin{array}{l} - \text{vocálico} \\ + \text{contínuo} \\ - \text{anterior} \\ [+ \text{sonorante}] \end{array} \right] _$$

Parece evidente a supremacia do traço [+contínuo] em ambientes com tendência à supressão da semivogal. A assimilação ocorre, nestes casos, na tentativa de desfazer cadeias constituídas de segmentos foneticamente semelhantes, procurando evitar a repetição de traços na cadeia fônica.

O efeito bloqueador da redução de /y/ que existe em outros contextos (alveolar fricativa, velar oclusiva, dental oclusiva e labiodental fricativa), vem comprovar a efetiva atuação de R_1 no fenômeno estudado. A inibição do processo de apagamento nestes ambientes só pode ser justificada pela ausência dos traços estabelecidos por R_1 , que não permite a aplicação da regra de monotongação.

As propriedades [+sonorante], [+contínuo] e [Lposterior] são relevantes tanto na supressão de /y/ como de /w/ e motivam a seguinte regra variável que resultará na assimilação das semivogais:

$$R_2 \left[\begin{array}{l} - \text{silábico} \\ - \text{consonantal} \\ \mathcal{L} \text{ posterior} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \left[\begin{array}{l} - \text{consonantal} \\ \mathcal{L} \text{ posterior} \end{array} \right] _$$

Podemos inferir que, sob determinadas condições fonéticas, a supressão de /y/ pode ser considerada um processo praticamente concluído, com pouca variação.

O apagamento de /w/ nos ditongos decrescentes orais já cobre, praticamente, todos os ambientes. Na diacronia da língua, o ditongo /ow/ vem sendo substituído pela vogal /o/. Praticamente, não existe contexto que bloqueie essa redução.

Estamos diante de uma mudança já implantada no sistema lingüístico. A única condição que direciona a assimilação é a presença da vogal /o/.

6.3.8. - Fatores extralingüísticos

Tínhamos levantado a hipótese de que a supressão da semivogal em ditongos ocorre independentemente de sexo, escolaridade e idade. A partir dos dados de que dispúnhamos, pudemos apreciar a atuação de dois fatores extralingüísticos: sexo e idade. Não foi possível trabalharmos com escolaridade, visto que grande parte dos informantes eram oriundos de regiões agrícolas, o que dificultava a distinção entre uma pessoa escolarizada e outra não.

O encaixamento social da variável não pôde ser efetivado. Não houve a possibilidade de estabelecer parâmetros confiáveis que propiciassem a estratificação social dos informantes requisitados para este estudo. Porém, o sexo e a idade, subfatores analisados, poderão fornecer uma visão clara e convincente de que não existe um subfator extralingüístico atuando de maneira mais positiva que o outro sobre o processo de apagamento.²

Observando as tabelas e os gráficos, podemos concluir que tanto o fator sexo quanto o fator idade não exercem influên-

cia significativa sobre o processo de supressão da semivogal. Não existe, praticamente, diferença entre os índices dos subfatores. O desempenho é linear, tanto para o sexo como para a idade. Os fatores extralingüísticos só vêm confirmar o que foi apresentado. O índice de supressão de /w/, mudança praticamente concluída, é maior do que de /y/, mudança em progresso. Por trabalharmos com informantes com idade superior a 30 anos, percebemos que não é alto o índice de supressão. Provavelmente, se tivéssemos um terceiro subfator que apresentasse idade inferior a 30 anos, observaríamos um número maior de reduções.

É fácil concluir, no entanto, que os fatores extra-lingüísticos, muito embora não tenham apresentado algum resultado relevante para a pesquisa, confirmam a atuação dos fatores lingüísticos. Não existe relação entre sexo ou idade, pelo menos neste estágio da variação e a redução do ditongo. Ocorre a confirmação de que estamos diante de um processo de mudança, condicionada pela atuação de alguns elementos, como os contextos posteriores e anteriores à semivogal.

NOTAS

¹PONTES (1972) em sua distribuição caracteriza /ʃ/ como [- sonorante] e /ʒ/ como [+ sonorante] sem mencionar o traço continuidade.

²O valor do qui-quadrado calculado dos fatores extralingüísticos é inferior ao valor do qui-quadrado crítico, logo esta variável não é significativa para o estudo.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação possibilitaram o avanço da pesquisa e permitiram a confirmação da hipótese levantada: a supressão da semivogal constitui um fenômeno sistemático que independe de sexo e idade e, provavelmente, tenha uma relação muito pequena com a escolaridade, resultante, talvez, da pressão da norma escolar.

O apagamento da semivogal está intimamente ligado a um processo de assimilação aos contextos que a cercam. A coincidência de traços entre a vogal /e/ e a semivogal /y/, [-posterior], em oposição a vogal /o/ e a semivogal /w/, [+posterior], pode estar propiciando um processo assimilatório. Os poucos casos de apagamento acontecidos com o segmento vocálico /a/ provavelmente sejam decorrentes da atuação dos segmentos consonantais posteriores ao ditongo, como em /'fay.ɣa/ > /'fa.ɣa/.

O contexto posterior mostrou ser bastante influente na redução dos ditongos. O alto índice de supressão que ocorre em alguns contextos pode justificar o processo de assimilação motivado por uma possível tendência à diminuição de repetição de traços na cadeia fonética.

Os demais ambientes estudados não influem categoricamente no maior ou menor uso das variáveis monotongadas.

Ao observarmos a monotongação dos ditongos orais decrescentes na diacronia da língua portuguesa, podemos concluir que a redução de /ow/ a /o/ já acontecia desde as origens da língua

o que pode justificar a atual amplitude da redução de /ow/ em oposição a de /ey/ que começou timidamente, depois da monotongação de /ow/.

Em decorrência da extensão da monotongação de /ow/, podemos afirmar que a redução já está praticamente concluída, ela não possui elementos bloqueadores. A mudança de /ey/ para /e/ está em andamento e começa a espalhar-se por um número maior de ambientes.

A distribuição geográfica dessas variáveis, como podemos observar pelos atlas lingüísticos, possibilita a visualização da inegável amplitude da monotongação tanto de /w/ como de /y/.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AMARAL, A. O dialeto caipira. São Paulo, HUCITEC, 1976.
- 2 ARAGÃO, M.S.S. Atlas lingüístico da Paraíba: cartas léxicas e fonéticas. Brasília, UFPB/CNPq, 1984.
- 3 BARROS, D.A.S., PACKER, S.M. & COSTA, V.L.A. O apagamento do /y/ no dialeto curitibano: uma questão de estilo. In: Encontro de Variação Lingüística e de bilingüismo na região sul, 6, Curitiba, 1987. Anais. Curitiba, UFPR, 1987, p.109-119.
- 4 BASSETO, B.F. Considerações sobre alguns ditongos romenos. In: Estudos de Filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo, T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- 5 BASSOLS DE CLIMENT, M. Fonética latina. Madrid, 1973.
- 6 BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. Revista de documentação em lingüística teórica e aplicada. São Paulo, 5(2), Editora da PUC, 1989, p.185-224.
- 7 BOLÉO, M.P. Dialectologia e história da língua - isoglossas portuguesas. Boletim de filologia. Lisboa, 12(1), 1951.
- 8 CHAMBERS, J.K. & TRUDGILL, P. Dialectology. England, Cambridge University Press, 1980.
- 9 CHOMSKY, N. Aspects of theory of syntax. Cambridge, MIT Press, 1965.
- 10 CINTRA, L.F.L. Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrônico e diacrônico. In: Simpósio de Filologia Românica, 1., Rio de Janeiro, 1970. Anais. p.37-54.
- 11 DITTMAR, N. Sociolinguistics. A critical survey of theory and application. London, 1976.
- 12 ELIA, S. Preparação à lingüística românica. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1974.
- 13 FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C.R. (org.) Pesquisa participante. São Paulo, 3.ed., Brasiliense, 1983.

- 14 FERREIRA, C.S., MOTA, J.A. & FREITAS, J.M.A., et al. Atlas lingüístico de Sergipe. Salvador, UFBA/Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- 15 HARA, M. Semivocales y neutralización. Madrid, CSIC, Instituto Miguel de Cervantes, 1973.
- 16 IORDAN, I. & MANOLIU, M. Manual de lingüística românica. Madrid, Gredos, 1972.
- 17 LABOV, W. Sociolinguistics patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- 18 LADEFOGED, P. A course in phonetics. San Francisco, Harcourt Brace and Jovanovich, Inc., 1975.
- 19 LAUSBERG, H. Lingüística românica. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- 20 LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: LOBATO, L.M.P. (org.) Lingüística e ensino do vernáculo. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
- 21 MATTOSO CÂMARA, I. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro, 1953.
- 22 _____. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, 12.ed., Vozes, 1982.
- 23 MAURER JR., T.H. Gramática do latim vulgar. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959.
- 24 NARO, A.I. Estudos diacrônicos. Petrópolis, Vozes, 1973.
- 25 PAIVA, M.C.A. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: PROJETO. Subsídios sociolingüísticos do projeto censo à educação. Rio de Janeiro, v.3, 1986, p. 320-336.
- 26 PIDAL, M. Orígenes del español. 6.ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1968.
- 27 PONTES, E. Estrutura do verbo no português coloquial. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 28 RIBEIRO, J., ZÁGARI, M.R.L., & PASSINI, J., et al. Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora/Ministério da Educação e Cultura/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- 29 ROSSI, N. Atlas prévio dos falares baianos. Rio de Janeiro, INL, MEC, 1963.
- 30 SCHANE, S. Fonologia Gerativa. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- 31 SOARES BARBOSA, J. Grammatica philosophica da lingua portuguesa. 5.ed., Typographia da Academia Real das Sciencias, 1857.

- 32 TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo, Ática, 1985.
- 33 TRUDGILL, P. Sociolinguistics: an introduction. England, Penguin Books, 1974.
- 34 " " " " VAANANEN, V. Introducción al latín vulgar. Madrid, Gredos, 1968.
- 35 VEADO, R.M. Redução de ditongos: uma variável sociolinguística. In: Ensaio de sociolinguística (9). p.209-229.
- 36 ZÁGARI, M.R.L. Fonologia diacrônica do português. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1988.

ANEXOS

ANEXO I

MAPA DO PARANÁ: MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS



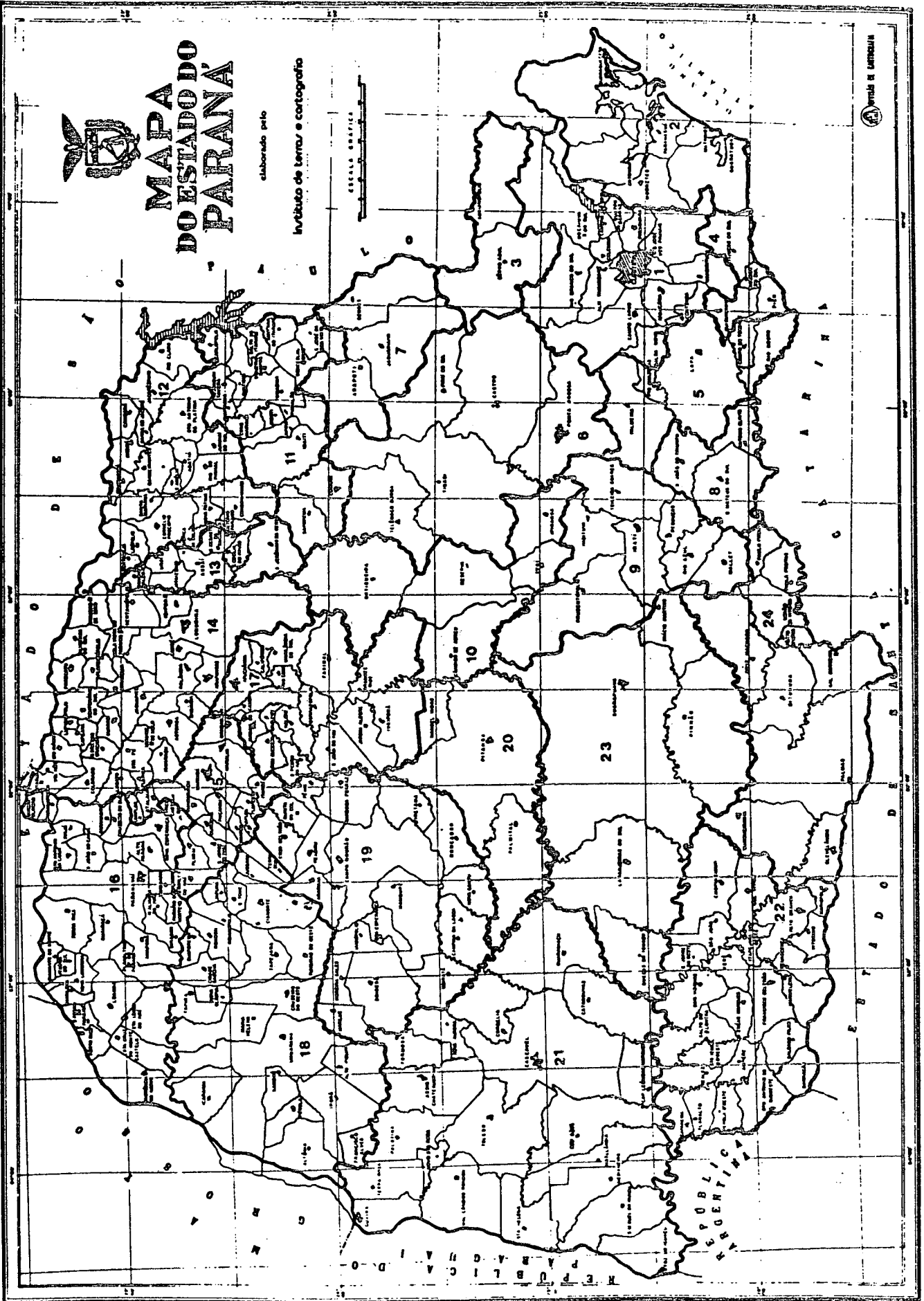
MAPA DO ESTADO PARANÁ

elaborado pelo

Instituto de Terra e Cartografia

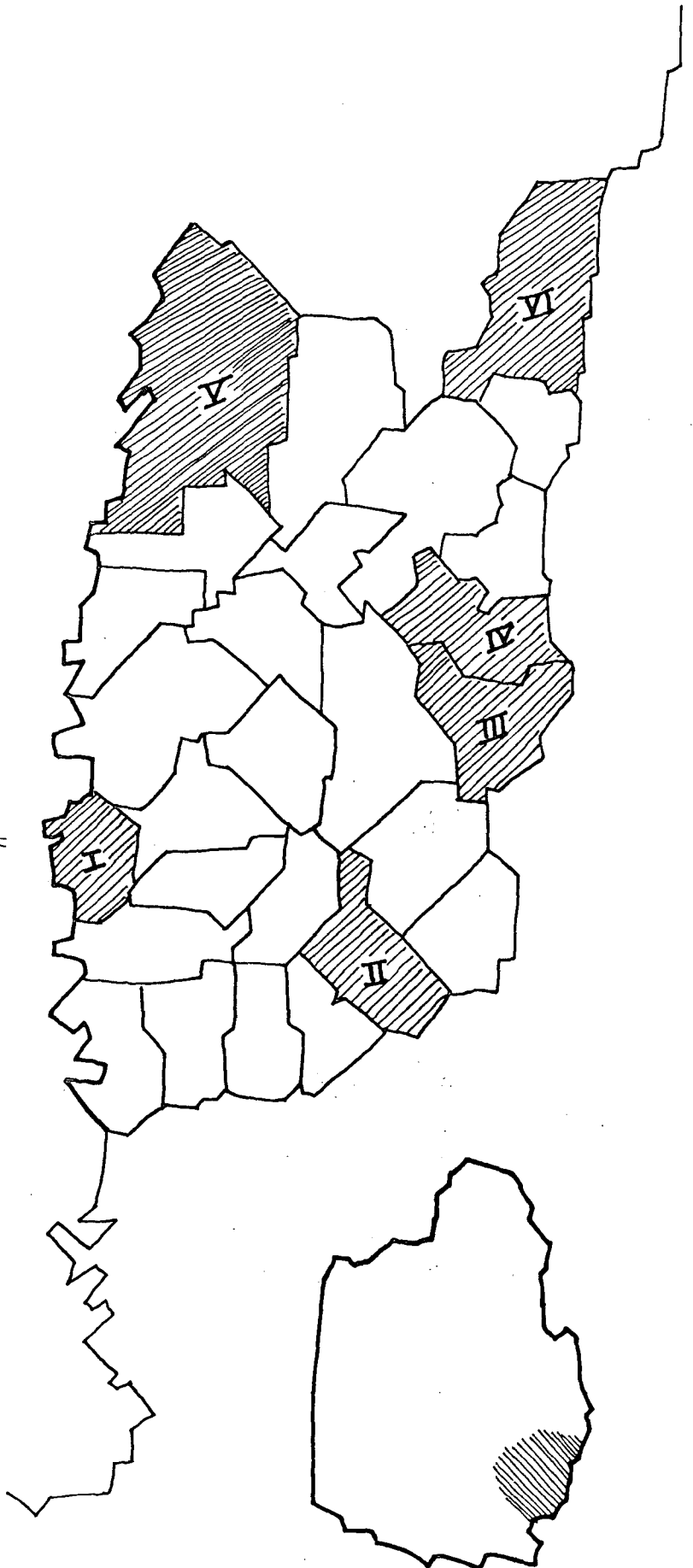
ESCALA GRÁFICA

Instituto de Cartografia



PARANÁ
SUDOESTE
AMPLIAÇÃO

- I. NOVA PRATA DO IGUAÇU
- II. SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE
- III. MARMELEIRO
- IV. RENASCENÇA
- V. CHOPINZINHO
- VI. CLEVELÂNDIA



ANEXO II
INFORMANTES

INFORMANTES.

A. SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE. (2:55 MIN)

1. A.A. 54 ANOS
 Nível superior
 origem: Santo Antônio do Sudoeste. (1 HORA)
 MASCULINO

2. M.P.M. 73 ANOS
 PRIMÁRIO COMPLETO
 MIGRANTE.
 FEMININO
 (55 MIN)

3. J.M. 40 ANOS
 ALFABETIZADO
 MIGRANTE
 MASCULINO
 (1 HORA)

B. MARMELEIRO (4:46 MIN)

1. A.G.B. 65 ANOS
 ALFABETIZADO
 MIGRANTE
 MASCULINO
 (1 HORA)

2. E.A. 54 ANOS
 ALFABETIZADO
 MIGRANTE
 MASCULINO
 (1 HORA)

3. S.A. 49 ANOS
 2º GRAU COMPLETO
 MIGRANTE
 FEMININO
 (1 HORA)

4. A.A. 33 ANOS
 2º GRAU COMPLETO
 MIGRANTE.
 MASCULINO
 (56 MIN)

5. P.F.S. 51 ANOS
 ALFABETIZADO
 MIGRANTE
 MASCULINO
 (50 MIN)

- C. RENASCENÇA (7:12 MIN)**
1. A.N.F. 81 ANOS
ALFABETIZADO
MIGRANTE
MASCULINO
(1 HORA)
2. P.A.M. 56 ANOS
NÍVEL SUPERIOR
MIGRANTE
MASCULINO
(1:40 MIN)
3. P.J.J.V. 70 ANOS
NÍVEL SUPERIOR
MIGRANTE
MASCULINO
(55 MIN)
4. T.L. 70 ANOS
ANALFABETA
MIGRANTE
FEMININO
(1:12 MIN)
5. A.R.L. 41 ANOS
ALFABETIZADO
MIGRANTE
MASCULINO
(1:05 MIN)
6. L.B. 62 ANOS
ALFABETIZADA
MIGRANTE
FEMININO
(50 MIN)
7. A.D.A. 44 ANOS
ALFABETIZADA
MIGRANTE
FEMININO
(1 HORA)
- D. CHOPINZINHO (2:10 MIN)**
1. M.E.O. 87 ANOS
ALFABETIZADA
MIGRANTE
FEMININO
(1 HORA)
2. I.A.P. 82 ANOS
ANALFABETA
MIGRANTE
FEMININO
(1:40 MIN)

E. CLEVELÂNDIA (2:03 MIN)

1. P.F.P. 85 ANOS

ANALFABETO

MIGRANTE

MASCULINO

(1:03 MIN)

2. D.R. 72 ANOS

ALFABETIZADO

MIGRANTE

MASCULINO

(1 HORA)

F. NOVA PRATA DO IGUAÇU (3:17 MIN)

1. D.B. 58 ANOS

ALFABETIZADO

MIGRANTE

MASCULINO

(1:10 MIN)

2. S.T. 52 ANOS

ALFABETIZADO

MIGRANTE

MASCULINO

(1:07 MIN)

3. V.M.S. 59 ANOS

ALFABETIZADA

MIGRANTE

FEMININO

(1 HORA)

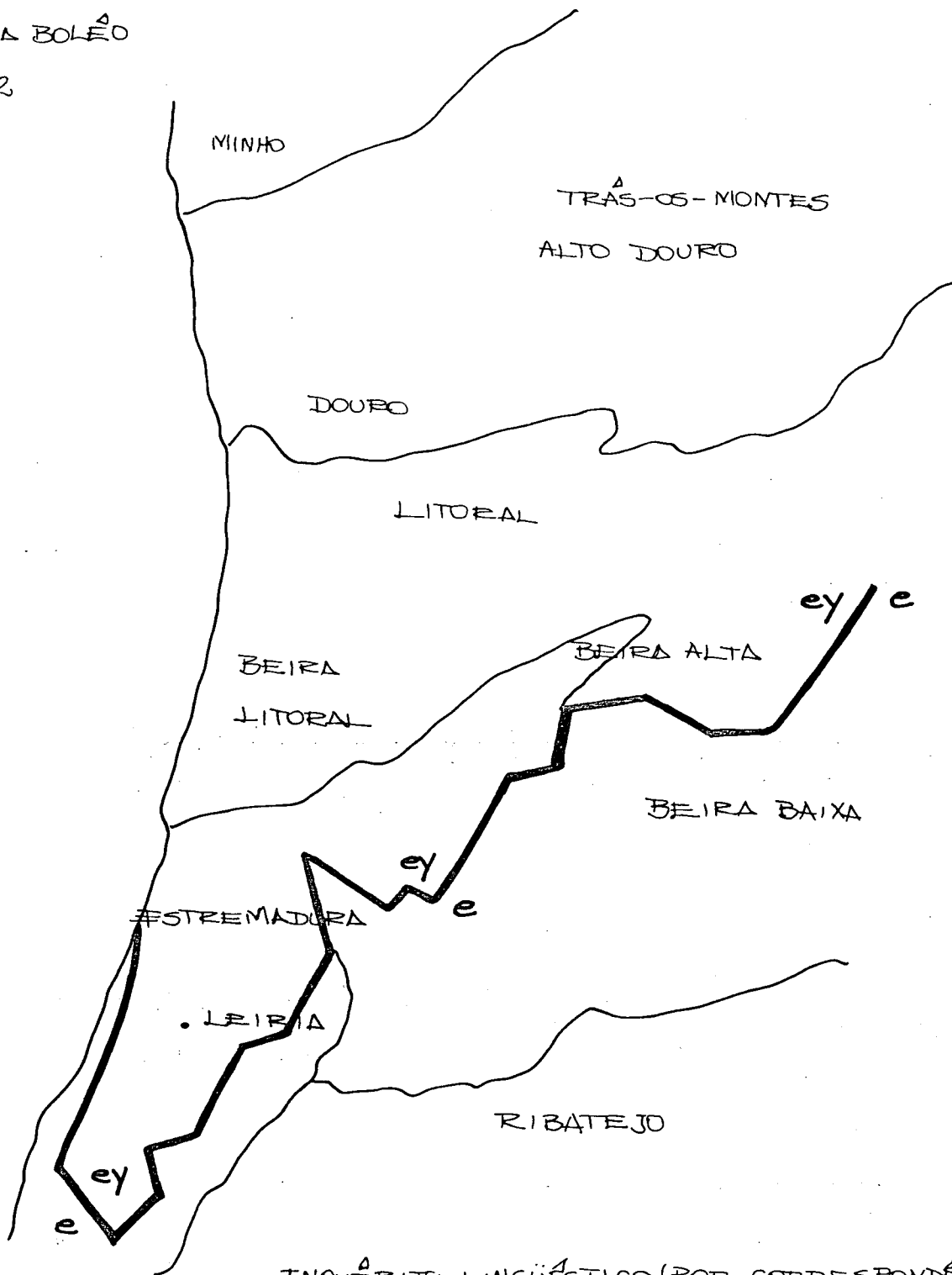
TOTAL DE HORAS: 21:23 MIN

TOTAL DE INFORMANTES: 22

ANEXO III

MAPA DE PORTUGAL - REDUÇÃO DE /ey/

PORTUGAL
PAIVA BOLEÃO
1942



INQUÉRITO LINGÜÍSTICO (POR CORRESPONDÊNCIA)
ELABORADO POR MARIA CLEMENTINA DUARTE.

ANEXO IV

OS ATLAS LINGÜÍSTICOS DO BRASIL

ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS
(CLAVÍCULA)
CANTAREIRA

CARTA 57



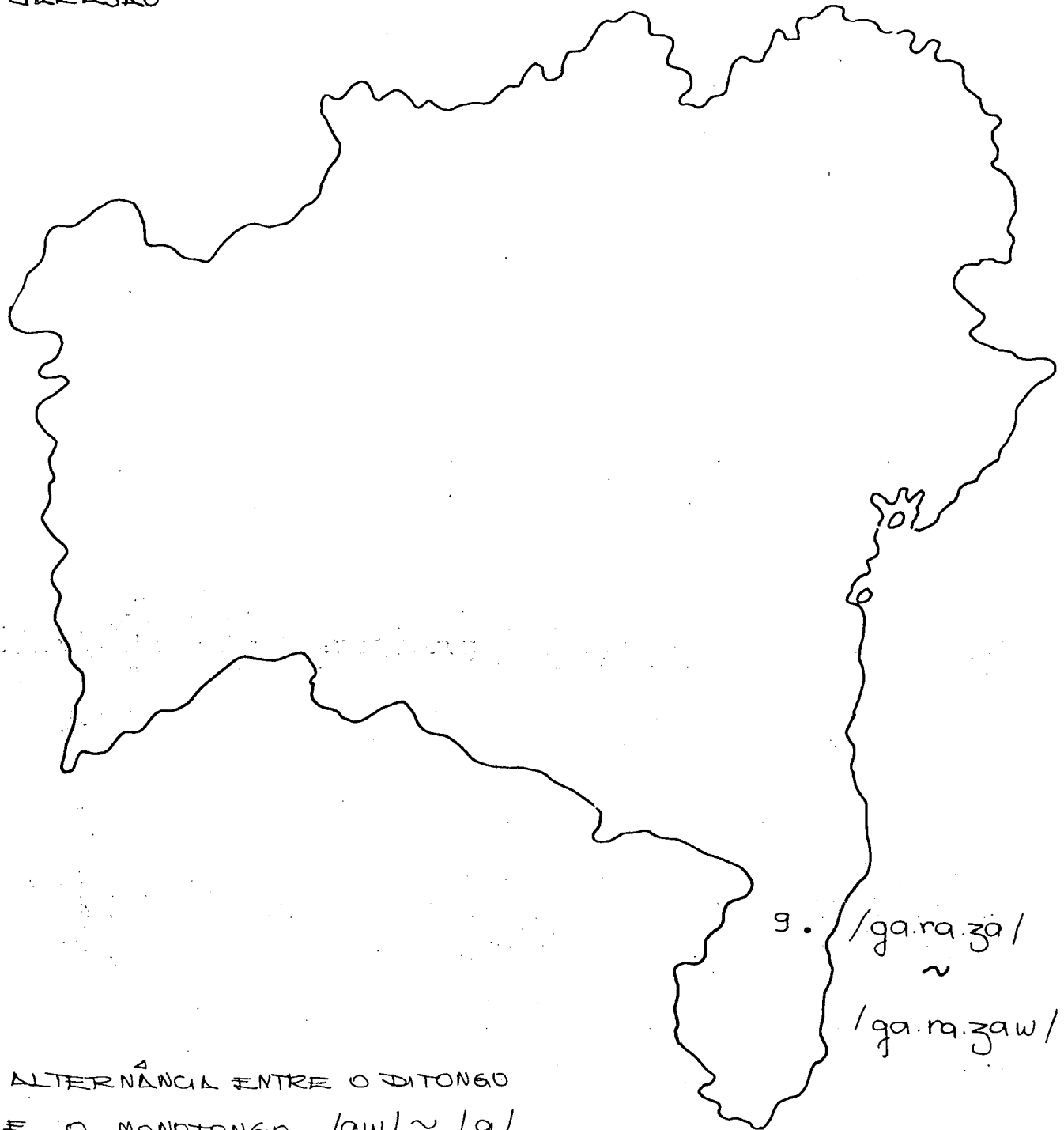
//// MONOTONGAÇÃO DO /ey/
VARIACÃO ENTRE : /kã.ta're.ra/
/kã.ta'le.ra/

ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS.

CARTA 115

NINHO OU RECIPIENTE PARA TRANSPORTE DE GALINHA.

GARAJAU



g. /ga.ra.za/

~

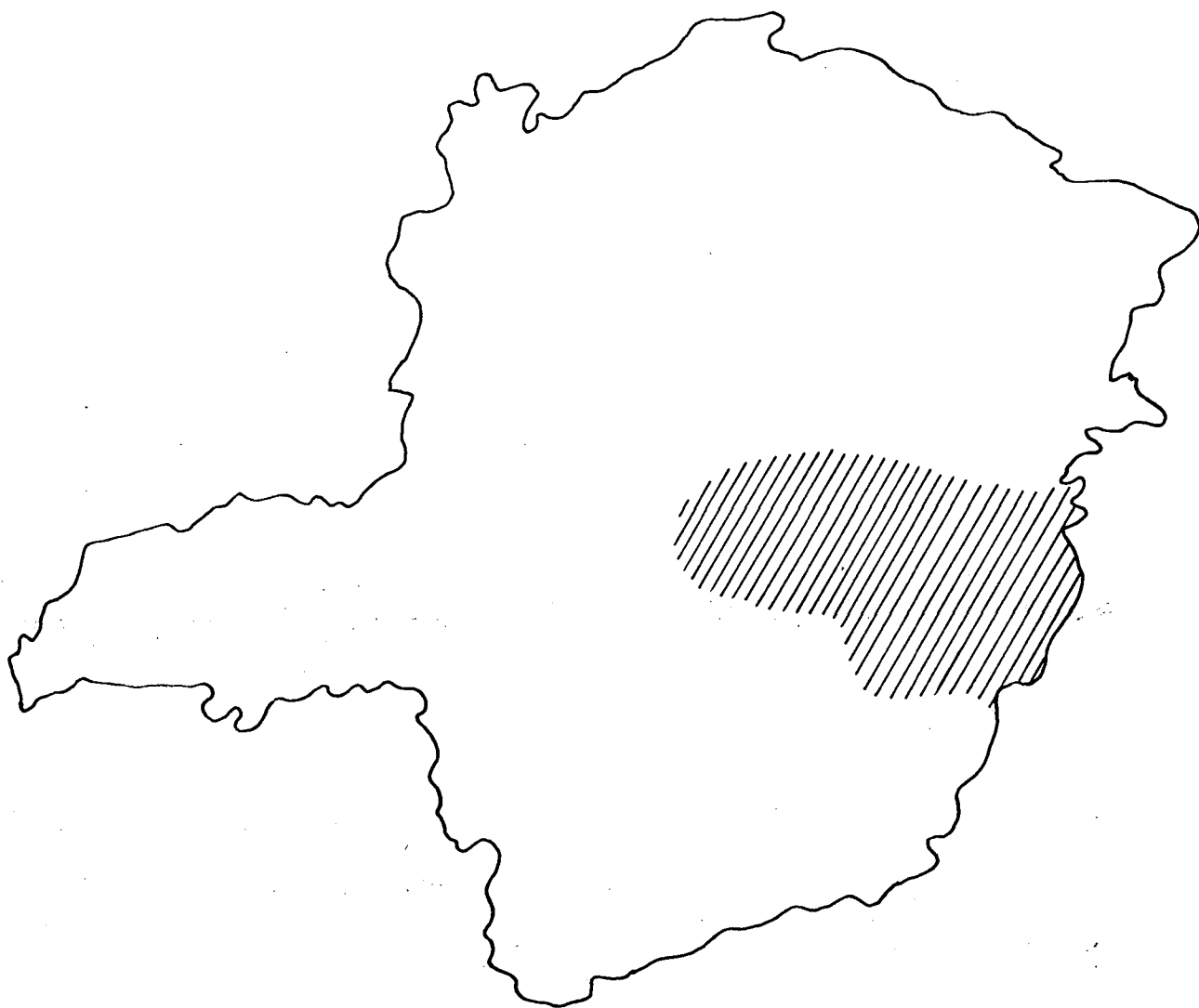
/ga.ra.zaw/

ALTERNÂNCIA ENTRE O DITONGO
E O MONOTONGO - /aw/ ~ /a/.

ESBOÇO DE UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE MINAS GERAIS.

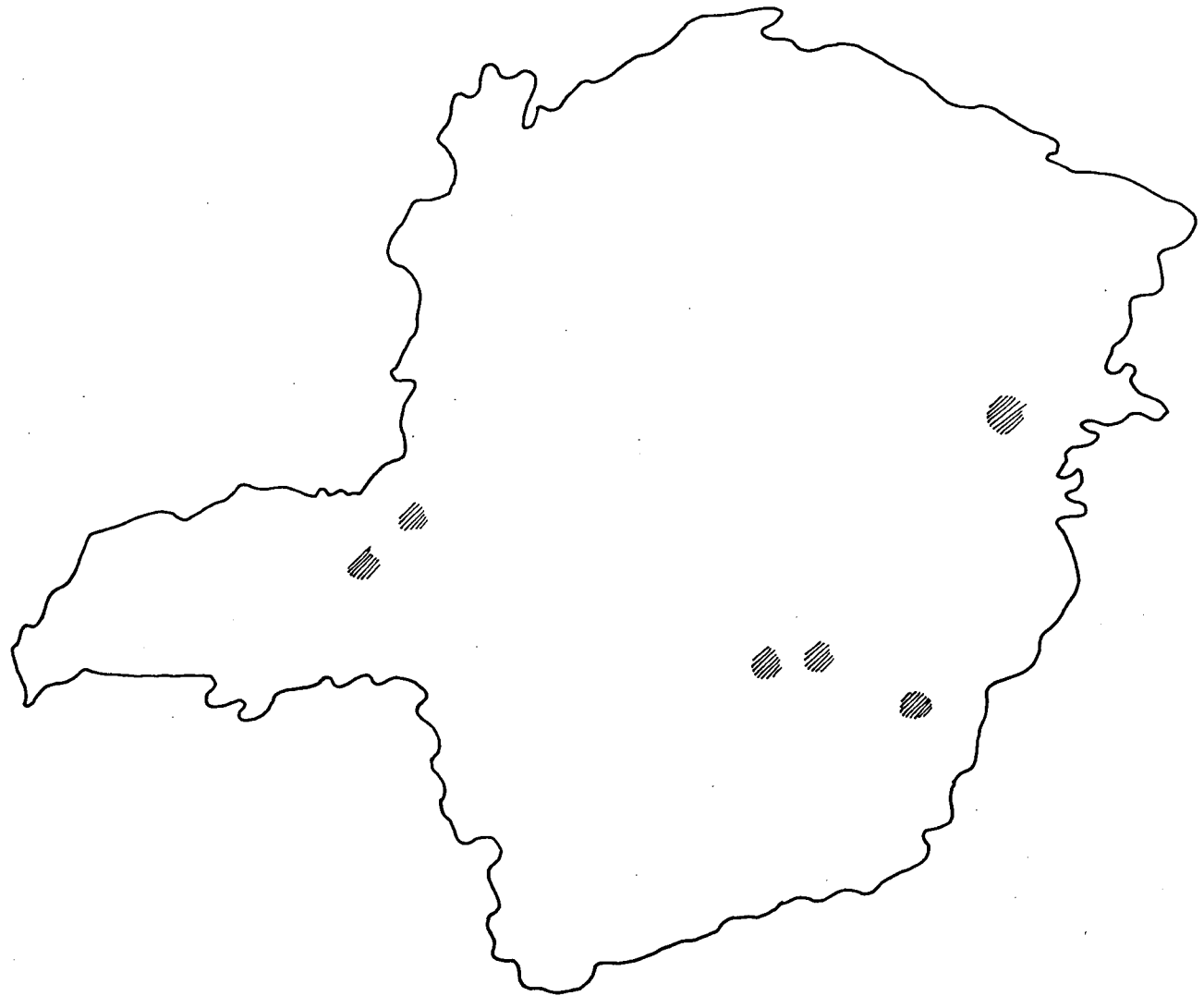
CARTA 13

SARLIVA -DITONGAÇÃO



ESBOÇO DE UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE MINAS GERAIS
CARTA 13

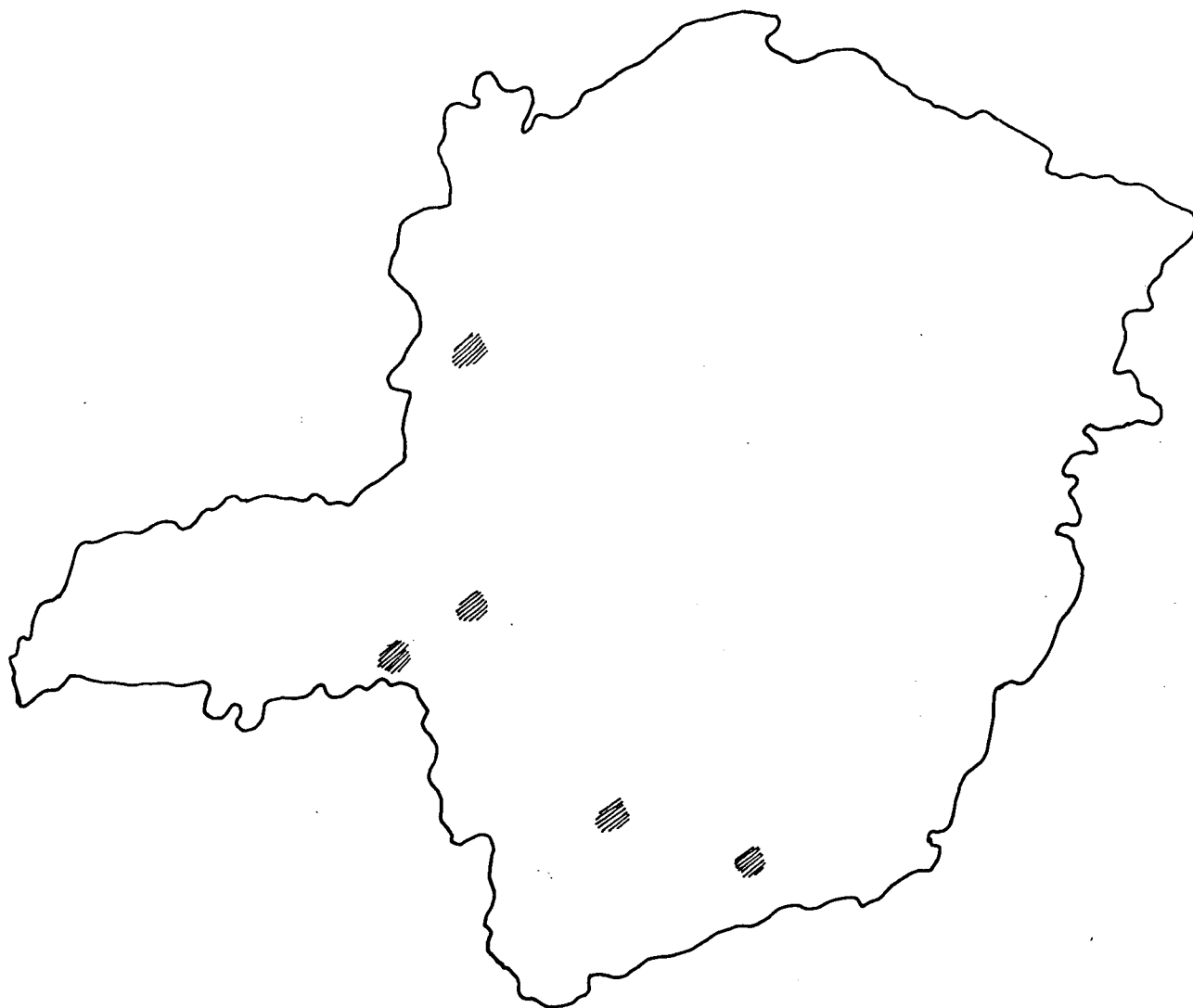
SARRIVA



/// PONTOS DE MONOTONIAÇÃO

ESBOÇO DE UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE MINAS GERAIS
CARTA 37

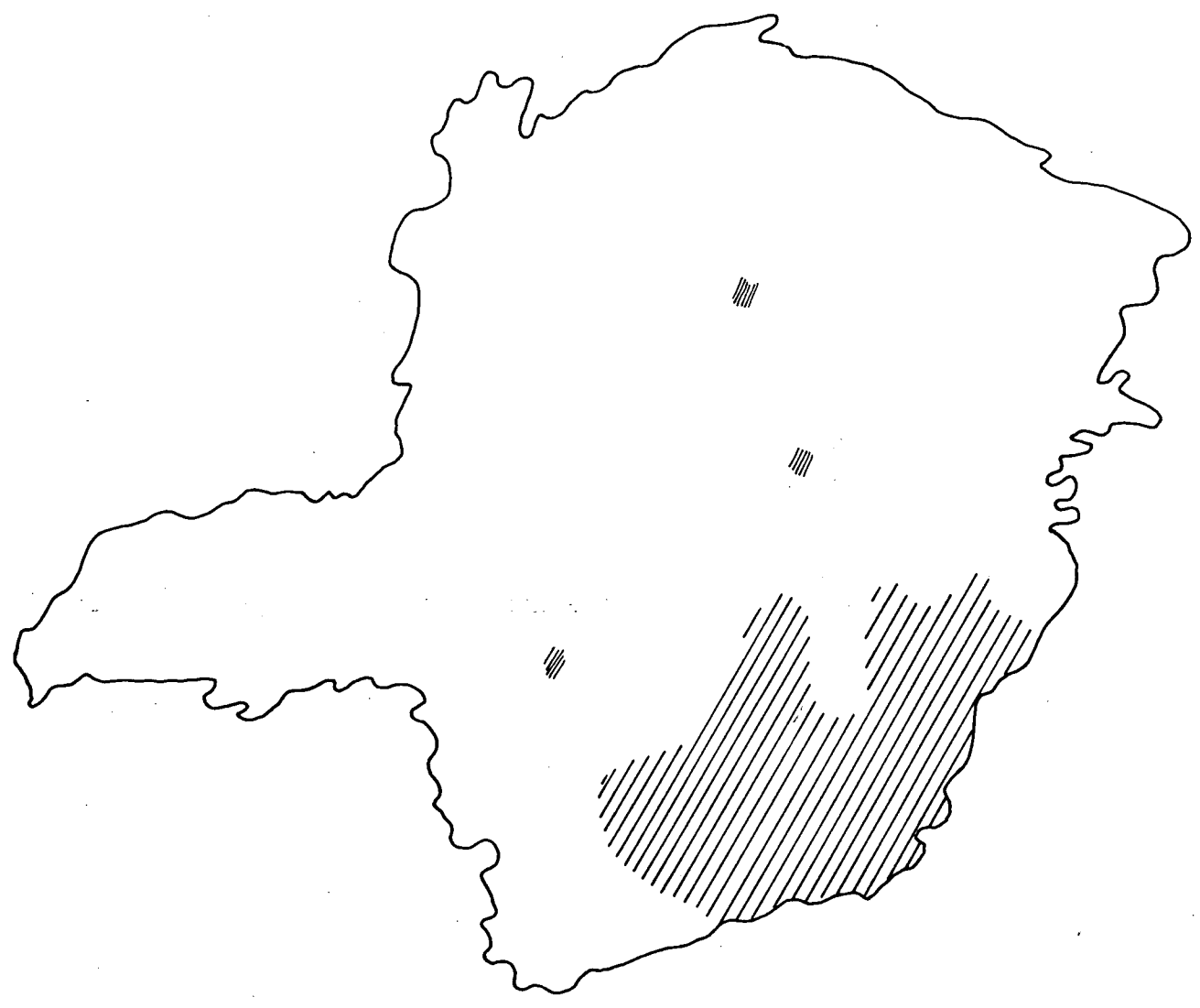
BISCOITINHO - QUEIMADO.



/// MANUTENÇÃO DO DITONGO
BISCOITINHO

ESBOÇO DE UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE MINAS GERAIS.
CARTA 44

ATIRADEIRA - MONOTONGAÇÃO



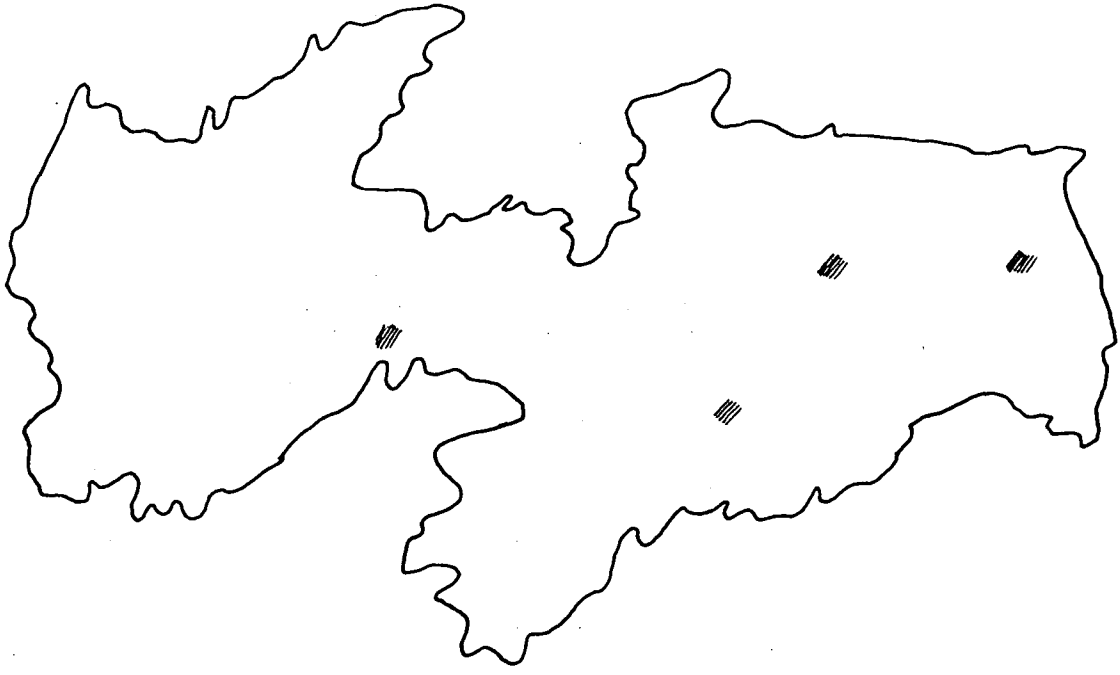
/// PONTOS DE MONOTONGAÇÃO.

OLHO-DE-BOI



//// DITONGO - BOI

REJEITO



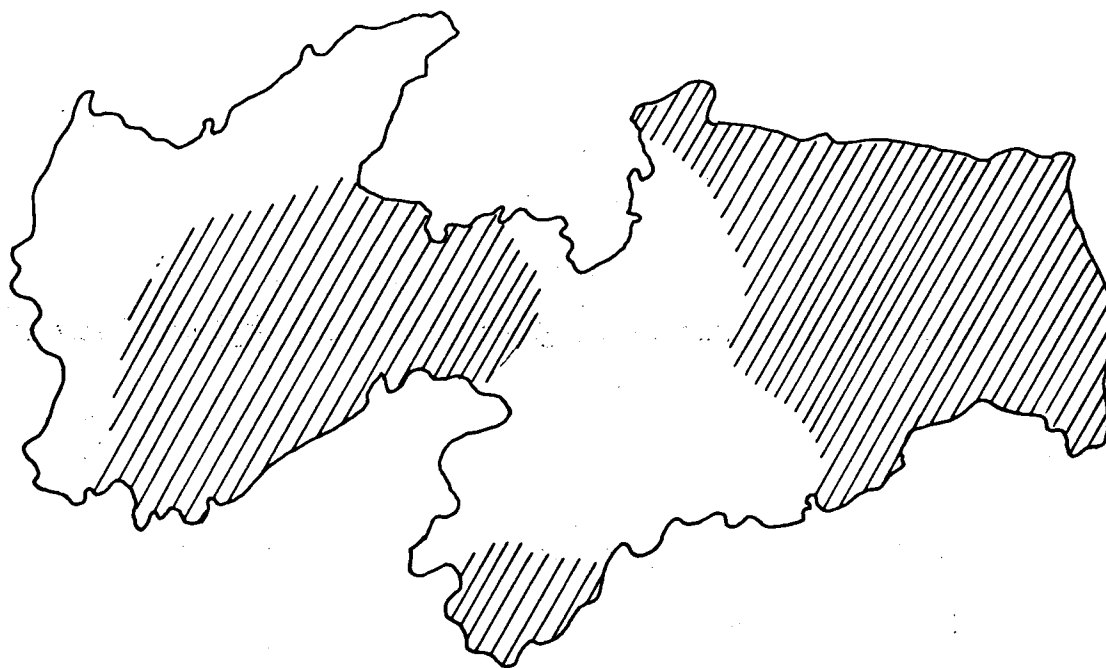
//// MONOTONGAÇÃO DE /ey/

REJEITO



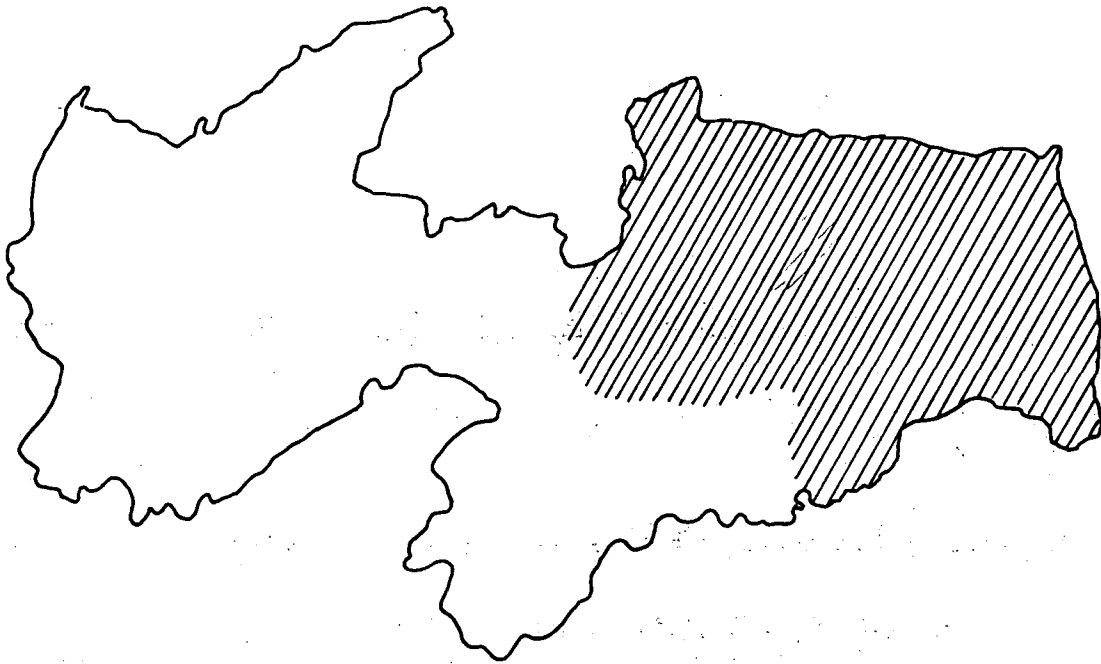
/// DITONGO - EI - /ey/

ARQUEIRO



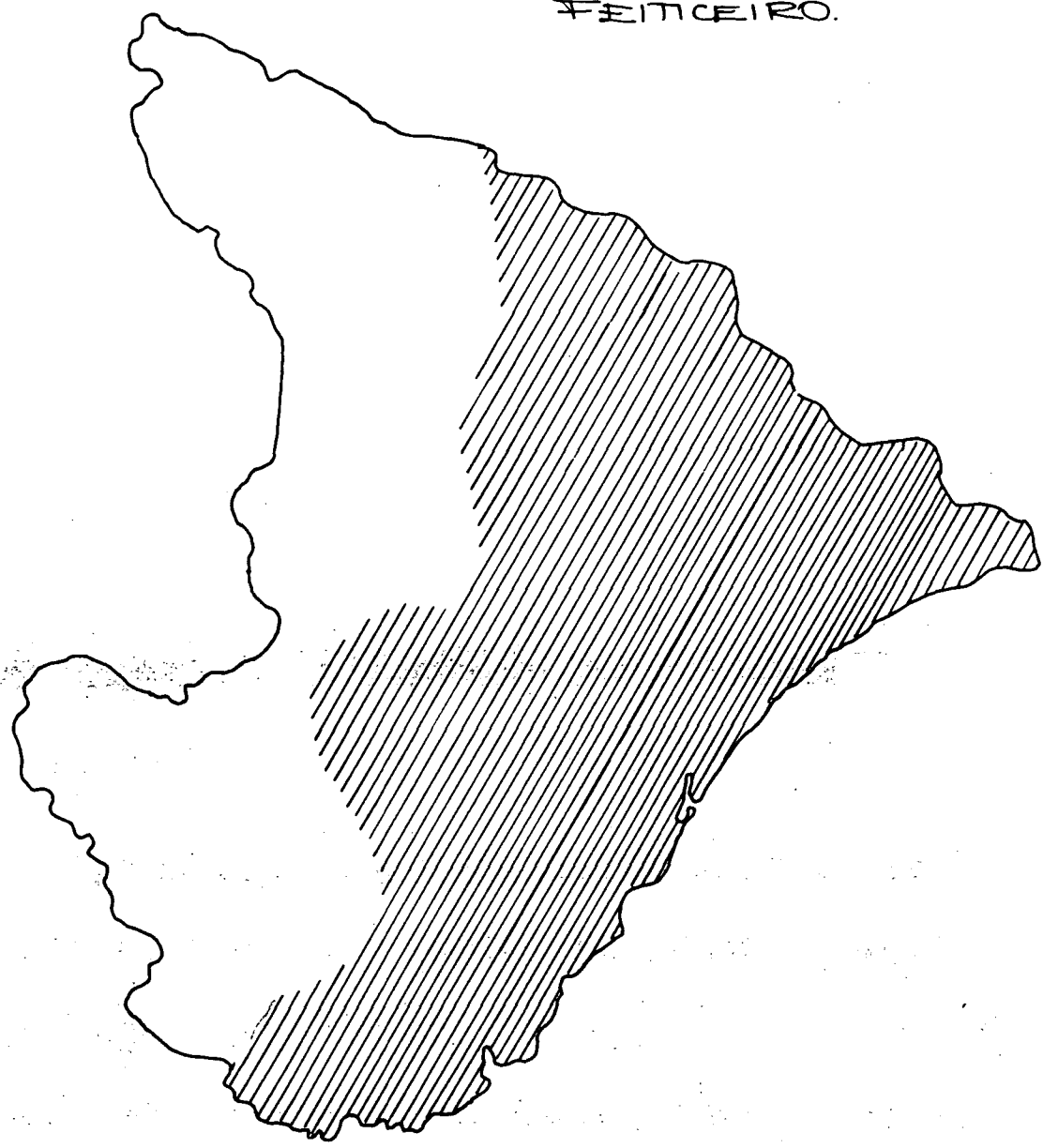
MONOTONGAÇÃO DE EI.

MANJEDOURA

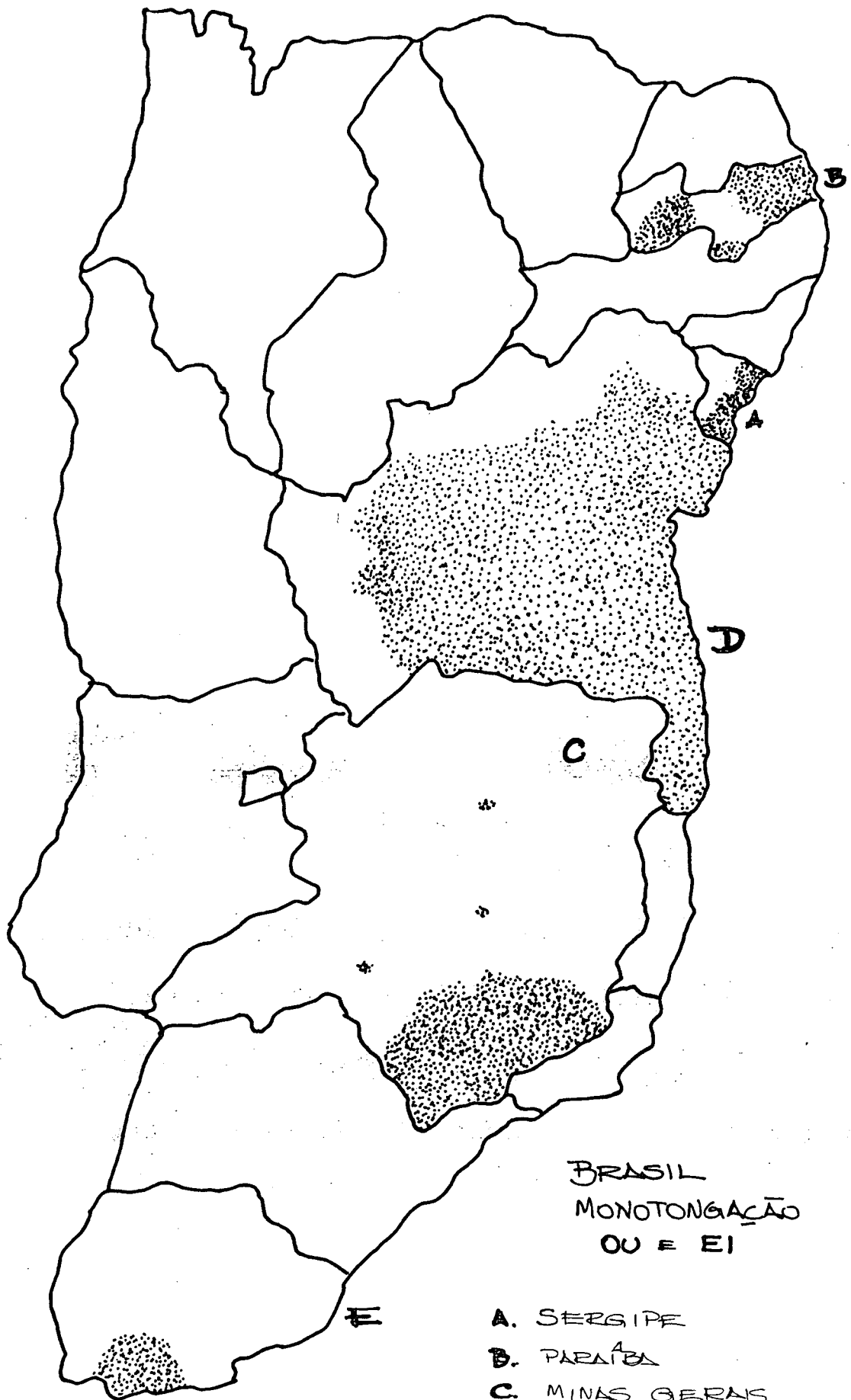


MONOTONGAÇÃO DE OU.

FEITICEIRO.



MONOTONIZAÇÃO DE E.
FEITICEIRO.



BRASIL
 MONOTONGAÇÃO
 OU = EI

- A. SERGIPE
- B. PARAÍBA
- C. MINAS GERAIS
- D. BAHIA
- E. PARANÁ

ANEXO V

FATORES ANALISADOS

FATORES ANALISADOS

A. TIPO DE SÍLABA:

1. SÍLABA NÃO-FINAL: feira, dourado
2. SÍLABA FINAL: cantei, falou

B. TONICIDADE:

1. SÍLABA ÁTONA: moivado, pousava
2. SÍLABA TÔNICA: figueira, couve

C. VOLUME VOCABULAR:

1. MONOSSÍLABO: pai, teu
2. DISSÍLABO: beira, doutor
3. TRISSÍLABO: direito, açougue
4. POLISSÍLABO: brasileiro, duradouro

D. TRAVACÃO

1. TRAVADO POR /s/: mais, deus
2. NÃO TRAVADO: feijão, trouxe

E. CLASSE DO VOCÁBULO:

1. VERBO: deixar, trouxe
2. SUBSTANTIVO: leite, ouro

3. PRONOME: pouco

4. ADVERBIO: mais

5. ADJETIVO: marmeleiro, dourado

F. CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE.

1. /a/: pai - mau

2. /e/: boiadeiro - meu

3. /o/: boi - louco

G. CONTEXTO FONOLÓGICO POSTERIOR.

1. PALATO-ALVEOLARES: /s, z/ - feijão - faixa - trouxe

2. FLAPE: /r/ - madeira - agouro

3. ALVEOLAR FRICATIVA: /s/ - pausa.

4. VELAR OCLUSIVA: /k, g/ - pouco - agougue

5. DENTAL OCLUSIVA: /t, d/ - leite - doutor

6. LABIODENTAL FRICATIVA: /v/ - noivo - couve

7. ZERO: amou